

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

DANTARA STAMADO ORDOVÁS

DIÁRIO DE EXPERIÊNCIA: ARTE EM ENSINO REMOTO

Porto Alegre

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

DANTARA STAMADO ORDOVÁS

DIÁRIO DE EXPERIÊNCIA: ARTE EM ENSINO REMOTO

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Orientadora: Profª Drª Dorcas Weber

Banca examinadora: Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi e Profª Drª Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan

Porto Alegre

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha trajetória em si, a grande protagonista dos meus diários, sejam pessoais ou docentes. Cada momento, desde caminhar olhando as florzinhas no trajeto até a escola, até a conclusão desta graduação e deste trabalho. A mim mesma, pelas minhas versões de mim em tantos diários, que conquistaram aquilo que eu achava que tinha potencial para conseguir.

Às pessoas que contribuíram nessa trajetória, desde os professores da escola que me inspiraram, aos professores do Instituto de Artes que seguiram inspirando e compartilhando conosco seus conhecimentos e amores pela arte e pela educação.

À todos os meus familiares que fizeram parte disto, Camila, Luciano, Darchan, Danton, Johan, Álvaro, Letícia e especialmente à Cristina e Laura, que foram as maiores incentivadoras dos meus estudos e do estudo de meus manos. Por terem sido as pessoas que compartilharam a jornada comigo e a tornaram possível, cada um à sua maneira, fazendo com que eu leve um pouco de cada um.

À minha colega de curso, Evelyn, por ter sido minha parceira nesta jornada, pelas nossas vivências e trocas nos ateliês, por pensar e fazer arte comigo, por me motivar e me acompanhar, por potencializarmos as capacidades uma da outra.

Ao Rodrigo, pela parceira, suporte e segurança neste final de curso, por ter me presenteando com uma camiseta com frases motivacionais para dizer que daria tudo certo, por ter se emocionado comigo quando meu último estágio foi homologado e tantos outros momentos.

À minha orientadora Dorcas Weber, por ter feito um trabalho impecável em sua orientação, por ter sido organizada e atenciosa em todos os momentos, tanto como orientadora de estágio quanto de projeto, compartilhando comigo seu tempo e conhecimento, me guiando não só neste final de ciclo, mas para o novo começo.

Finalmente, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Instituto de Artes, por proporcionar essa experiência e estudo, à biblioteca, às salas e ateliês, onde tive as melhores experiências dentro da graduação que sempre sonhei em cursar.

À ARTE E A EDUCAÇÃO.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso de graduação de Licenciatura em Artes Visuais apresenta pontos de pauta que partem da produção de experiências em Estágio Obrigatório e Residência Pedagógica, realizadas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul CAp/UFRGS, a partir de um diário de registros construído durante essas vivências, de modo digital e analógico. Nos pontos de pauta aqui apresentados, são discutidos assuntos comuns da docência, com o apoio de autores referenciados, a partir de uma perspectiva pessoal e suas subjetividades. Traz as incertezas, poéticas, adversidades, desafios, pensamentos, sentimentos, e demais questões que surgem durante as primeiras experiências com a docência, frente ao panorama de Ensino Remoto Emergencial - ERE, ocasionado pelo isolamento social devido à pandemia da COVID-19. Perpassando pelos pequenos grandes acontecimentos dessas vivências e suas reverberações. Evidenciando assim, a potência de desdobramentos que os registros de diário oferecem para a construção da professoralidade.

Palavras chave: Diário de Experiência, Docência, Estágio obrigatório, Residência Pedagógica, Ensino Remoto Emergencial, Artes Visuais.

— Apresentaste muito bem, tens vocação! Vais ser professora?¹

— Não! Vou ser artista!

Mal sabia eu que seria ambos.

¹ Diálogo entre mim e uma professora, que se sucedeu de uma apresentação de trabalho expositivo em uma aula de literatura, durante meu Ensino Médio, em 2013.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Textos diário e corpo da autora	11
Figura 2 - Caderno de anotações de aula da autora com carimbo	13
Figura 3 - Diário página em branco	18
Figura 4 - Diário página com mãos da autora	24
Figura 5 - Diário página Ser Professor	25
Figura 6 - Diário páginas Lugar	35
Figura 7 - Diário página Ponte	41
Figura 8 - Diário página Show da Sheila	53
Figura 9 - Diário página Professores Acumuladores	59
Figura 10 - Diário página Aula de Bolinhas	64
Figura 11 - Diário página Gestos aula síncrona	66

LISTA DE SIGLAS

CAp/UFRGS - Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DDP - Diário da Prática Pedagógica

EAD - Educação à Distância

ERE - Ensino Remoto Emergencial

IA - Instituto de Artes

PcD - Pessoa com Deficiência

RP - Residência Pedagógica

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	8
2 DIÁRIO	11
3 DIA 1 - LACUNAS	18
4 DIA 2 - SER PROFESSOR	25
5 DIA 3 - DO LUGAR	32
6 DIA 4 - DAS CONEXÕES	38
7 DIA 5 - DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E AS TECNOLOGIAS	47
8 DIA 6 - DAS CÂMERAS ABERTAS E FECHADAS	62
9 CONSIDERAÇÕES	69
10 REFERÊNCIAS	70

1 APRESENTAÇÃO

Desde a juventude, escrever e registrar sempre foi um hábito, uma paixão, um escape para a poética. No trajeto até a escola, fazia poesias na minha cabeça em relação a tudo aquilo que me afetava ao longo do caminho. Escrevia poemas e textos sobre os pensamentos que me atravessavam. Com o tempo, criei inúmeros diários. Não apenas porque o envolvimento com este processo me encantava, mas também porque eu não queria que as vivências se perdessem junto à memória. Sinto uma perda nas vivências que não decodifiquei em palavras, que não transmutei das memórias para uma subjetivação só minha, transbordando a experiência a tudo aquilo que há dentro de mim, criando uma poética através da minha conexão com o exterior.

Tenho a consciência de que não me lembro da maioria dos eventos descritos em tantos diários, e dos poucos que me recordo, restam apenas um imaginário mental fragmentado. Escrever não apenas registra, como traduz a experiência para uma nova linguagem e um novo material de apreciação, um material de conexão entre o vivido exteriormente e interiormente, relacionando e transbordando a bagagem da narrativa de uma vida inteira. Nas palavras habitam uma nova experiência, aquela que já viveu o relatado e já pensou sobre o mesmo. Torna-se quase como uma auto investigação, utilizando a memória como objeto de estudo. A subjetivação criada demonstra o que fui e o que sou diante do viver.

Aprendo muito com as anotações sobre mim mesma no passado, posso desdobrar novos pensamentos, novos parâmetros, medir progressos, resgatar visões que se perderam. Minha atuação docente não poderia ser diferente. Criar um diário sobre como se deram as observações, práticas e experiências, e como estas habitam em mim, trás um hábito pessoal como meio de estudo do que permeia a arte e a educação na minha vivência. No futuro, poderei ler estes registros conseguindo enxergar toda a trajetória, podendo resgatar questões do princípio, e enxergar a mim e a docência com olhos mais à frente, desdobrando o discurso à novas relações, novas subjetividades. A vivência é infinita e traçá-la narrativamente torna a palavra, uma ferramenta para a formação do meu eu-docente.

Na medida em que a linguagem media o funcionamento da experiência através do pensar, sentir e atuar, a narrativa expressa e representa essa experiência e movimentação de atuação, pois, os relatos estruturam

escolhas e possibilitam avaliações sobre o que foi construído, assim como produzem outras subjetividades. (PAZ, 2012, p.6)

Neste estudo busca-se analisar e investigar os modos como os registros de experiência de estágios obrigatórios de docência e Residência Pedagógica em situação de pandemia, através da metodologia de diário, contribuem para a potencialização de minha formação como docente em Artes Visuais.

Entende-se que esta proposta pode inspirar a prática da produção de diários a fim de compreendê-la como ferramenta de autoconhecimento educacional e artístico por professores em formação e profissionais em prática. Neste contexto, tem papel fundamental para a compreensão e identificação das potências que as narrativas pessoais e as análises autobiográficas podem ter como forma de auto investigação e construção da prática e do ser docente.

Assim, este trabalho é proposto a partir da organização de pontos de pauta dos registros e narrativas criados em um diário de campo pessoal, digital e analógico, de observações e vivências. Realizadas durante os Estágios Obrigatórios de docência I e II e Residência Pedagógica - RP, durante o período de Ensino Remoto Emergencial - ERE, sendo o Estágio I sem vínculo institucional e o Estágio II e a Residência Pedagógica realizadas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul CAp/UFRGS.

- **Estágio I** - Introdução à docência em Artes Visuais - estágio obrigatório curricular em Artes Visuais realizado em 2020/2 em modo ERE, sem vínculo direto com instituição escolar, ministrado pela professora Dorcas Weber (Licenciada em Educação Artística - Artes Plásticas, Mestre e doutora em Educação).
- **Estágio II** - Docência em Artes Visuais no Ensino Fundamental - estágio obrigatório curricular em Artes Visuais realizado em 2021/1 em modo ERE, ministrado pela professora Dorcas Weber (Licenciada em Educação Artística - Artes Plásticas, Mestre e Doutora em Educação), com estágio coletivo² em uma turma de 8º ano, em modo ERE, realizado na instituição de ensino Colégio de Aplicação da UFRGS, supervisionado pela professora e

² Termo não-formal aqui utilizado para se referir a uma experiência de estágio atípica, que ocorreu de forma coletiva, com três estagiários atuando colaborativamente em uma mesma turma.

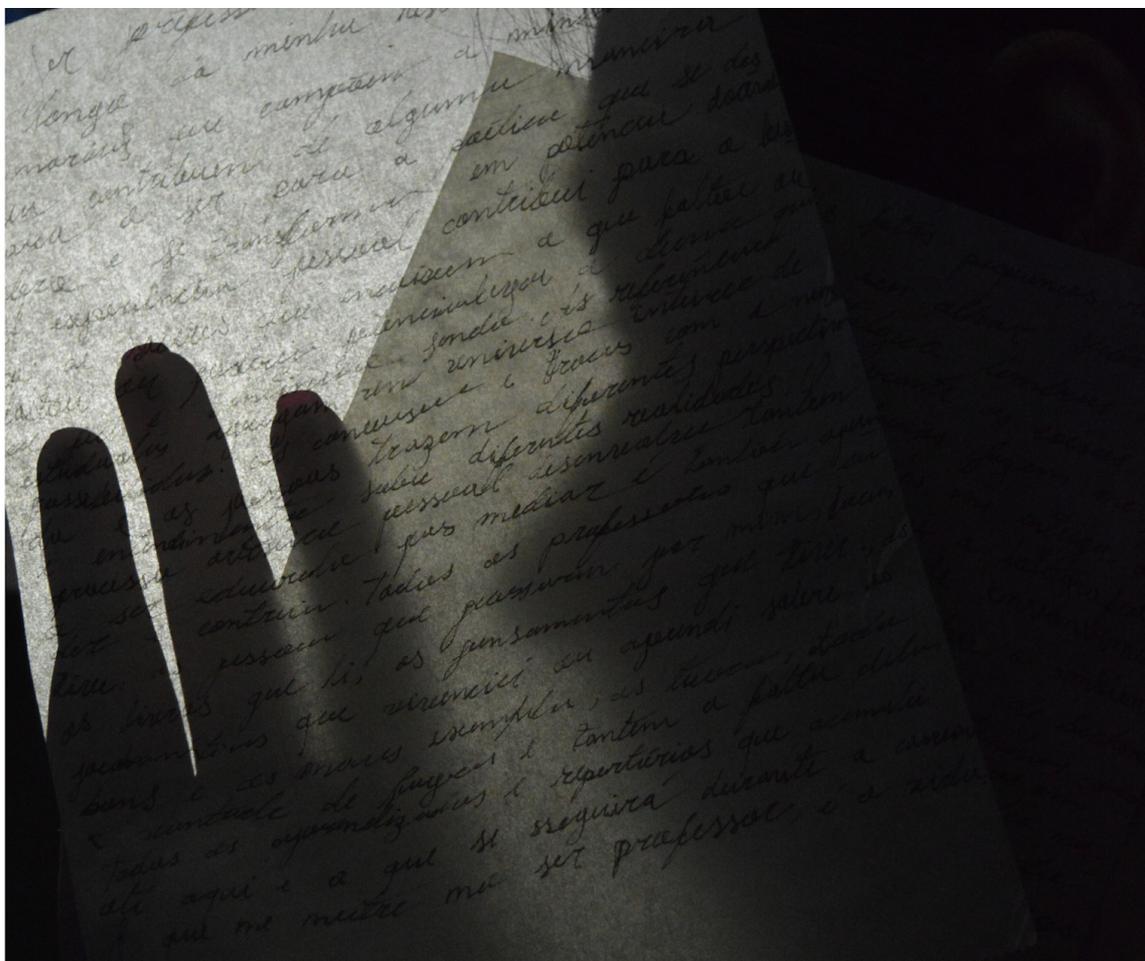
vice-diretora do CAp, Simone Fogazzi (Licenciada em Educação Artística - Artes Plásticas e Mestre em Educação).

- **Residência Pedagógica** - Programa de Bolsa de aperfeiçoamento docente que ocorreu de maneira simultânea aos Estágios I e II nos períodos de 2020/2 e 2021/1 em modo ERE, sob a orientação geral da professora Flavia Pilla do Valle (Licenciada em Educação Física, Mestre em Dança e Doutora em Educação), e supervisionado pela professora Mônica Bonatto (Licenciada em Educação Artística - Artes Cênicas e Doutora em Educação), nas turmas Alfa 4 e 5 de MultiArtes do Colégio de Aplicação da UFRGS.

A partir destes registros e narrativas, intenciona-se estabelecer relações com conteúdos, discussões teóricas e reflexões, a fim de possibilitar este tecer sobre a própria formação docente. Apesar de estar aqui organizado por dias, por se tratar de um diário, circundam demais atemporalidades. Em um envolver de memórias, unindo fios de diferentes datas do diário em pontos de pauta, que são registros e situações que não acontecem em um único dia, mas sim vários, além de se tecerem em um transpassar pelo vivido, pelo lembrado, pelo escrito.

A razão disso é o fato de que este meio contém em si um modelo de análise das realidades (análise em unidades distintas, linearidade e temporalidade de organização dos pensamentos, perda de sentido da totalidade, etc.) e das técnicas psicológicas, em particular, a ampliação do poder da memória que, conseqüentemente, provoca as mudanças das relações entre a memória e o pensamento, etc. (IVIC, 2010, p.22)

2 DIÁRIO



(fotografia pessoal/acervo pessoal)

Figura 1

Todo homem é uma ilha (...) é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós, se não saímos de nós próprios. (SARAMAGO, 1999, p. 27-28)

O diário de experiência da atividade docente se constituiu através das experiências no decorrer dos semestres de vigência dos Estágios Obrigatórios I e II, e bolsa de Residência Pedagógica que se sobrepôs a este período de 2020/2 à 2021/1. De acordo com (MARTÍN e PORLÁN, 1997, p.113) podemos defini-lo como um “instrumento que permite ao professor investigar e refletir sobre a prática educativa, testemunho biográfico da sua experiência”. E portanto, conforme Zabalza (2004), uma forma de documentar e instrumentalizar a ação docente exercida. Oliveira (2014) ao falar sobre os registros que acompanham o docente, os define

como Diário da prática pedagógica - DPP, visto que os registros centram-se na ação docente.

Utilizei-me de escrita, tanto digital quanto manuscrita, e de narrativas visuais como desenhos e fotografias. Para isso, utilizei como ferramenta o Google Drive e um *sketchbook* tamanho A5, para compor o meu diário de experiência no dia a dia, de acordo com a maneira como preferia me expressar e relacionando com a maneira como os acontecimentos me afetaram. Ainda que este instrumento não se limite ao modo de elaboração aqui referido, afinal, um diário da prática pedagógica se constitui de qualquer tipo de registro do cotidiano. Pujadas, J.J. (1992), aponta, ao falar de diário de prática pedagógica, que esse documento pode ser elaborado por um professor ou estudante em formação do mesmo, durante a trajetória docente e apresentar distintas formas, tais como: cartas, cadernos, notas, fotografias, vídeos, etc....

Neste estudo, a criação do diário surgiu do desejo de não deixar que os preciosos registros do que seria uma das experiências mais importantes dentro do curso se esvaíssem. Durante a trajetória, me sentia tão afetada pelos encontros e relações, que percebi em mim a necessidade de externalizar tantos pensamentos, para que estes não dissipassem, deixando, assim, um registro para compreender e analisar o processo de construção do meu eu docente.

Os educadores que optam pela elaboração de diários profissionais e pessoais escolheram observar-se a si próprios, tomar a experiência em consideração e tentar compreendê-la. A escrita dos diários autobiográficos envolve o processo de contar a história da sua própria vida. Uma das diferenças entre teorização normal, ou cotidiana, do professor e a escrita sobre suas próprias experiências, pensamentos e sentimentos, é que esta última demora muito mais tempo. Há mais tempo para observar e refletir sobre o que se escolhe para ser contado. (HOLLY, 1995, p.101).

Podemos considerar, como nomeia Marilda de Oliveira (2012, p.997), o diário como “um guia para reflexão das práticas realizadas dentro do ambiente escolar”. Considerando o fato do diário registrar nossas inquietações, dúvidas, devires, questões e relações, este se torna um documento de análise pessoal, pois permite uma racionalização superior à do momento registrado. Através de uma trajetória existencial na formação da professoralidade, podemos desdobrar e relacionar o que fomos com o que vamos vir a ser, como um modo de criar a si mesmo. Marilda de

Oliveira relata suas experiências com o uso do DDP, ressaltando o aumento da produtividade e reflexão, através da retomada destes durante o processo:

a produção do dpp envolveu os professores em formação de uma outra maneira, mais produtiva, mais reflexiva. A ideia de a cada mês fazer uma retomada para apresentar aos colegas produziu esta movimentação de rever o trabalho com maior frequência, voltar atrás, recuperar dados e organizá-los em forma de diário visual/textual (OLIVEIRA, 2014, p.123).

A prática do registro, mantém o discurso vivo, para que possamos nos distanciar e rever, para ouvirmos aquilo que nós mesmos dissemos e fomos, nos mantendo em eterna análise de nossa atuação. Este exercício de afastamento, nos propicia voltar para os registros com outros olhos, nos permitindo nos separarmos de nossa performance de professor com um olhar crítico, como quando um artista se distancia de sua obra depois de muitas horas trabalhando de perto sobre ela e, assim, obter um novo olhar do todo. Para Cunha (2006, p.121) “o diário age assim como o testemunho desta busca de si. Alguns relêem seus diários e se surpreendem com o que escreveram. Outros não compreendem mais nada”.



(fotografia pessoal/acervo pessoal)

Figura 2

Afinal, “Uma boa aula é uma obra de arte”³, como nos diz um carimbo de Diego Passos Amaral, que pude utilizar em meu caderninho de anotações durante a disciplina “Culturas Ameríndias e Afro-brasileiras no ensino de arte” oferecida pelo Instituto de Artes/ UFRGS em 2019/1. Assim, podemos comparar não apenas o afastamento no processo de formação artístico com os diários, como também a formação da professoralidade e construção de si mesmo na docência e a produção das aulas com o processo de criação de uma construção artística. Temos acesso à experiência vivida e à experiência deste afastamento e aproximação do registro.

Nos tornamos um observador sensível do nosso próprio cotidiano, e passamos a capturar elementos e paisagens que, primeiramente, costumam ser ignorados. Um objeto de estudo sempre em aberto, em constante construção. O corpus da pesquisa se torna esta vivência cotidiana no que diz respeito à docência e às subjetividades que ela gera. Isto torna a investigação singular, considerando o diário um documento pessoal. Zabalza (2004) faz um detalhado estudo sobre diários e materiais pessoais autobiográficos, reunindo um compilado de denominações sobre o termo documento pessoal. A partir disso, o autor o considera como, basicamente, um documento humano, pessoal e que apresenta traços autorais. Um recurso revelador de si mesmo, relacionado à vida mental de seu autor, que contém relato da experiência individual e da atividade humana, onde os traços humanos se expressam, que permite ao leitor conhecer um pouco deste autor. Este caráter pessoal, traz consigo a subjetividade do autor.

Mesmo que, ao escrevermos nossos diários, muitas vezes tenhamos nos esforçado para encobrir nossos estranhamentos, nossas vulnerabilidades e nossos receios, eram esses pontos nevrálgicos que mais ressoavam e nos afetavam, incitando-nos a adentrar demoradamente em cada um deles e a pensar para além deles (CARDONETTI e OLIVEIRA, 2015, p. 55-56).

Em sua teorização acerca do processo de subjetivação, Deleuze (2005) utiliza o conceito de “dobra”, buscando referenciar as noções de interioridade e subjetividade sem dicotomizar o interior e exterior, fazendo uma relação com a dobra de tecido ou folha de papel. Acerca disto, Marilda de Oliveira (2014, p. 125) descreve a intenção do termo como: “o ‘fora’ torna-se ‘dentro’ sem deixar de ser ‘fora’ e sem tornar-se simplesmente ‘dentro’”. O diário é feito de dobras, uma subjetivação que se expressa interna e externamente, que perpassa por

³ Frase de autoria da Prof^a Dr^a Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan.

acontecimentos externos e por pensamentos internos, como em um emaranhado de relações que une tudo a uma coisa só. Com a prática do diário, a narrativa acaba saindo da zona descritiva, listada, e adotando cada vez mais este caráter pessoal, informal e fluido. Este fato acerca da informalidade foi observado e apontado por estagiárias que se utilizaram deste instrumento, de acordo com Marilda de Oliveira (2014). O diário registra, sobretudo, a evolução dos pensamentos do professor, esta visão da perspectiva se torna essencial para pensar as narrativas docentes. As reflexões do eu-docente e o diário como processo de subjetivação torna a relação das construções de sentido mais palpáveis, torna um espaço tangível do disparador do pensar, nos aproximando de nós mesmos como um agente propositor. Este processo evidencia a não separação do dentro/fora, assim como, a não separação do sujeito e do professor. A formação da docência é uma produção de si mesmo.

Essas experiências é que serviram de referência tanto para que eu entendesse e compreendesse como acontecia a produção de mim mesmo quanto para pensar proposições viáveis para a consecução do projeto de formação que eu pretendia. Ser professor/formador não estava separado de ser o que eu vinha sendo. Profissional ou pessoal, tudo dizia respeito a um único sujeito que experimentava a segmentaridade, a descontinuidade e a prática de si como algo singular (PEREIRA, 1996, p.15).

Ainda que eu esteja rodeada pela literatura visual, a escrita, puramente escrita, sempre foi uma aliada infalível para o meu nortear. Este constante criar de paisagens imagéticas se materializa através das palavras. Podemos ver e ouvir através das palavras. Vemos e ouvimos não apenas o que somos, mas o que pensamos que somos e percebemos as perspectivas que habitam em nós, seja durante a escrita ou depois dela, e, assim, descobrimos nossos discursos. O entrelaçar da vida com a linguagem, a tradução daquilo que nos contorna gera estes discursos. Ler a nós mesmos, anotação após anotação, é um constante balanço de si. A narrativa auxilia a compor e organizar os acontecimentos com os estados de subjetividade, com as memórias, os pensamentos e conceitos. Imerge a ação e a idealização da mesma.

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir (DELEUZE, 1997, pág.11).

Ao construir uma narrativa, escolhemos o que falar e como vamos falar. É um constante reconstruir. Narrar é contemplar determinadas perspectivas e através delas obter um objeto de estudo baseado em si. Tecemos um repositório da nossa impressão do mundo, as experiências perpassam por aquilo que somos e tem tanto dela em nós como de nós nela. Nós constituímos as narrativas assim como elas nos constituem. São partes de nós ecoando através da linguagem. As experiências narradas não são experiências quaisquer, são nossos atravessamentos em relação a elas, ou seja, são nossas intensidades. Para Loponte (2005, p.128) constituem “aquela experiência que não acontece simplesmente, mas *nos* acontece. O saber da experiência que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna, uma experiência singular e irrepetível.” Da mesma forma, Marilda de Oliveira (2014, p.119-120) ao falar das experiências narradas, pontua que:

se quiséssemos conceituar ‘narrativa’ poderíamos dizer que a narrativa designa a qualidade estruturada da experiência vista como relato. Mas, se quiséssemos pensar a narrativa enquanto pesquisa poderíamos dizer que é a capacidade de organizar a experiência como pautas de discussão ou como focos de investigação, como forma de construir sentido por meio da descrição e análise dos dados biográficos.

A narrativa não reconstrói o que já aconteceu simplesmente, remonta aquilo que está latente no âmago da memória, não apenas a presença de um passado, mas tudo aquilo que está relacionado a ele. Aquilo que está renitente nas recordações brotam no presente enquanto são processadas pela memória, trazendo consigo seus devires. Além de carregarem as subjetividades latentes do passado, passam por um segundo atravessamento da mente que os recorda no agora. Os conhecimentos armazenados na mente, são expressados através de símbolos de linguagem, produzindo uma análise sobre ela a fim de melhor traduzir estas sensações, imagens, pensamentos e emaranhados. “Isso cria um processo cíclico de criação-revisão, de saída e entrada de informação sobre nós mesmos e sobre o que estamos escrevendo” (ZABALZA, 2004, p.43). O processo de produção da escrita e o produto da mesma se sobrepõe em um curto espaço de tempo, considerando que os pensamentos vão surgindo enquanto as frases vão sendo montadas, assim, enquanto lembramos, estamos também analisando o resultado imediato e o submetendo a constante reflexão. O eu que narra e descreve a experiência que foi vivida está dissociado do eu que atuou nas experiências

narradas, ou seja, o eu narrador reflete a vivência do eu narrado, vendo a si mesmo em perspectiva, proporcionando o sentido crítico acerca da própria prática e atuação.

A experiência de si está constituída, em grande parte, a partir das narrações. O que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos. Em particular, das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o auto, narrado e o personagem principal (LARROSA, 1994, p.46-47).

Dentre estas narrativas, selecionei o que Marilda de Oliveira (2004) chamou de **Pontos de Pauta**, que são um recorte de pontos dentro da narrativa, selecionados para serem investigados e aprofundados, utilizando de autores que nos auxiliem a compreender uma determinada discussão ou conceito, permitindo um aprofundamento em nossa escrita e uma melhor compreensão das questões e relações que experienciamos, a fim de desenvolver nosso pensar docente e consequentemente, prática e atuação.

Minhas narrativas têm sido minhas perspectivas sobre mim, minha poesia do eu perante a vida. Meu ser é um constante emitir de linguagens, uma constante poética se desdobrando a cada novo segundo de existência. Reverberações daquilo que vou sendo, num trilhar desajeitado e descobridor. Decodificando o mundo usando as lentes da minha existência, um pequeno tesouro onde posso guardar com carinho as minhas articulações de memórias e pensamentos, um baú de intensidades. Meu diário é onde eu me guardo e me conheço, é onde me esqueço e com as visitas me relembro. Seria eu, poeta, artista, professora, ou tudo junto em um só contexto? Não é tudo linguagem? "A palavra 'poeta' vem do grego '*poietes* - aquele que faz'. Faz o quê? Faz linguagem. E aqui está a fonte principal do mistério" (PIGNATARI, 2005, p.10).

3 DIA 1 - LACUNAS



(fotografia pessoal/acervo pessoal)

Figura 3

“Por todos os poemas que deixei de escrever
Por todos os poemas que não escrevi

(...)

Pelas palavras que engoli
E que ainda me consomem

(...)

Por ter sido negligenciada
Por mim mesma

(...)

Eu me peço perdão
Por tudo isso e mais um pouco
E espero ser perdoada
E que hoje, antes de dormir
Eu não me arrependa de mais nada.”

Ponto de Pauta - Sobre as lacunas de registros no início do Estágio Obrigatório I e Residência Pedagógica

Por muito tempo tive o hábito de descrever cenas do cotidiano. Muitas vezes ao estar em um lugar, eu fazia essa descrição mental enquanto me cativava pelas coisas ao meu redor. Nada precisava ser exatamente belo, o *ser* de cada vento, movimento, sujeira, objeto, pessoa, fala, bastava unicamente por existir. As palavras se criavam e se agrupavam na minha mente, em uma tentativa incessante de mantê-las vivas até o momento em que eu pudesse registrá-las através da escrita. Quase como uma missiva a mim mesma. Reconhecer o ser não se atinha às coisas ao meu redor. A escrita dava a mim mesma um senso de existência através desta transmutação da vivência e da memória. Rapidamente me perdia em pensamentos e as narrativas detalhadamente construídas se esvaíam entre eles. Foram muitas as vezes em que me arrependi de não possuir um papel e caneta sequer para registrar minhas impalpáveis observações. “Um dia sem escrita parece um dia perdido ou criminosamente abortado, um dever omitido, uma vocação traída” (BAUMAN, 2012, p.8). Muitas destas lacunas vivem em mim e são vazios que ocupam grandes espaços internos. A minha perspectiva sobre as coisas no passado morreram com o tempo, o que resta são alguns vislumbres pouco confiáveis de um imaginário mental. “As coisas estão enterradas no fundo do rio da vida.” (CAMARGO, 1998, p.32). Ainda hoje, estas perdas ainda me atravessam e o que resta é contemplar a saudade e um luto por algo que não escrevi, que não registrei, um luto daquilo que nem sei que perdi. Uma ausência da possibilidade. Possibilidade esta, de transformação, de relação, de comparação e reflexão do meu eu atual para o meu passado, um cruzamento do meu pensar hoje para o meu pensar de ontem, um devir.

Resta-me apegar ao pouco registrado, o pouco transformado, o pouco transmutado. Sendo ainda este pouco, muito. Pois de um pouco muito se relacionado, se reflete, muito se interage e se desdobra. Venho destas reverberações através do passado para apontar uma falta de um passado muito

menos distante.

O meu ser docente também me deixou uma lacuna onde poderia ter sido uma grande semente de desdobramentos, que não poderei colher. Este capítulo se abre em lacuna acompanhado pelo sentimento de arrependimento e também pelo alívio, de poder incorporá-lo como ser, ainda que seja em lacuna. Pois esta lacuna, este branco do início apenas me reafirma pelo que perdi, a potência do que poderia ter sido. O início do Estágio I e Residência Pedagógica foram muito pouco registrados em relação ao que poderia ter sido. Meu impedimento se deu pelo fato de que o meu hábito de escrita adoeceu neste momento de isolamento social e restrição das atividades presenciais, considerando o fato desta quebra de rotina ter afetado diretamente os meus horários, incluindo o de escrita. Registrar exige um tempo específico dedicado à escrita, que a falta de ânimo e mudança radicais de hábito puderam prejudicar. A vontade por esta cresceu e se reanimou diante da expectativa deste trabalho que cá escrevo. Diante, também, da expectativa de uma luz no fim do túnel e, principalmente, diante da fortificação daquilo que mais me motiva, as artes e a docência.

Tentei escrever o que faltou pelas lembranças já esvaidas, me baseando nas atividades e nos poucos registros. Uma tentativa falha, pois por mais que eu tentasse preencher esta lacuna, o registro não era sincero, pois não fazia sentido um registro de diário tentando resgatar o que já passou, as memórias já estavam mais alteradas, confusas e cheias de buracos do que de costume. É um hábito que funciona no dia a dia e não pode ser recuperado. Já não seria mais a minha perspectiva do momento daquela vivência. Era o meu eu atual tentando recuperar algo do meu eu passado. Eu não podia escrever por mim mesma no passado. Eu já sou outra pessoa. Esta tentativa incessante só me foi mais frustrante, até perceber que não poderia preencher esta lacuna.

Mas, quem não se surpreendeu ao flagrar a si mesmo, tentando, inutilmente, ligar o automático e repetir hábitos para os quais já não há mais lugar, pelo menos por enquanto? Nos primeiros dias de isolamento, acordava com a medição do tempo na cabeça, imaginando a que distância estaria na hora de chegar ao trabalho. Caía em mim mesma. Respirava fundo. Agora, tanto faz segunda-feira como domingo, dia santo ou feriado nacional... (MADRILENA, 2020, p.38)

O andamento deste projeto não só me deu um objetivo em meio a um momento caótico de pandemia da COVID-19, como me lembrou daquilo que mais

me afirma como eu mesma. Esta abertura fala sobre a falta deste início de registro, fala sobre vazio, sobre o branco, sobre a falta, e a lacuna. Porém, também fala sobre perdão. Principalmente neste momento onde alunos e professores estão lidando com as consequências de um momento de isolamento social. Aqui eu incorporo a falta para me lembrar do auto perdão, e do principal elemento no ser docente, que é o ser *humano*.

A Covid-19 nos convida, e até nos impõe, muitas reflexões(...) É claro que nesse período tudo não está como sempre foi talvez nunca mais será igual. É ilusão acreditar que dominamos tudo que nos chega. Nem tente! Lidamos como podemos. Sem culpa, por favor! (MADRILENA, 2020, p.42)

As lacunas fazem parte da vida. Certa vez, fui questionada acerca de minha palavra favorita. Rapidamente respondi: Lacuna. Não pelo significado da palavra em si, mas os fonemas me agradavam. La-cu-na. Os sons soavam poeticamente para mim, ainda que significasse, sobretudo, falta e falha. As faltas, fazem parte do todo. Na música, os silêncios são as grandes apresentações entre um som e outro. Não agem unicamente como a ausência de música, mas como parte fundamental da composição, afinal:

A ausência do som na música, o silêncio, representado pela pausa, possui no discurso musical uma possibilidade de articulação tão presente e com funções tão múltiplas quanto o som (RAMOS, 1997, p.129).

Esta presença torna o silêncio como um igual ocupante no lugar de uma nota. As pausas são matérias igualmente essenciais numa obra musical, quanto suas séries de notas. Aqui, podemos ressignificar este vazio como ocupando quase que uma função preparatória, como o silêncio que antecede o início da execução de um concerto, “a pausa é essencialmente o silêncio que circunda o conteúdo” (VILLAVICENCIO, 2011, p.102). Há muito mais no vazio do que a não-existência. Se fossemos considerar o silêncio deste início de capítulo como numa partitura, ele seria um silêncio *suspiratio*. Visto que é “a expressão musical de um suspiro por meio de uma pausa” (BARTEL, 1997, p.393). Estes suspiros musicais, representam através dos silêncios, estados emocionais relacionados por exemplo, a angústia. O que poderia falar melhor sobre um momento de isolamento social, do que uma pausa? “A *pausa* aponta para o uso de silêncios que permitem, por exemplo, respirar” (VILLAVICENCIO, 2011, p.105). Por mais que a ausência desta escrita

cause um espaço em branco neste meu diário, como poderia continuar a me arrepender de um suspiro? Minhas páginas em branco podem ser consideradas também como poética, como uma Arte do Vazio, já que “trata-se do vazio, silêncio ou ausência deliberados, enquanto a própria obra/peça de arte” (MUSSOI, 2017, p.3167). O ponto de pauta não cabe aqui apenas como lamúria, mas também como um expressar dos suspiros, das pausas, dos silêncios, daquilo que não foi dito, mas que há muito de dizer.

É isso o que me parece interessante nas vidas: os buracos que comportam, as lacunas - às vezes dramáticos, às vezes nem tanto. Catalepsias ou uma espécie de sonambulismo por vários anos: muitas vidas comportam esse tipo de coisa. É talvez nesses buracos que se faz o movimento (DELEUZE, 2008, p.172).

Às vezes, os vazios são cheios, e os silêncios são gritos. Considerar estes como parte do todo do nosso ser, como as pausas da nossa própria sinfonia nos ajuda a compreender seus significados, e aquilo que neles verte e transborda. “Cogito reconhecer o silêncio, desde o ponto de vista da arte, como espaço de constituição de si” (RASSLAN, 2019 p.13).

Muito conhecemos aquele ditado popular: “Uma imagem vale mais que mil palavras”, será que os silêncios também? O que um vazio tem a nos dizer? Não foi apenas o início de meu diário que alvoreceu com muitos vazios. A educação está lidando com muitas lacunas nesse período atual de pandemia. Os vazios estão presentes em muitos lugares, dentro das salas de aulas, nos corredores da escola, nos refeitórios, nas bibliotecas. Os vazios estão nos cadernos de presenças, no retorno de atividades remotas, nos ícones das plataformas de vídeo chamadas com as câmeras desligadas. Na saudade do presencial dos alunos e demais, das interações, das falas inusitadas, da socialização... Ainda que o ensino siga de maneira remota, as faltas em relação ao contato e aos espaços de escolarização seguem nos corações. Tanto em situação de estágio quanto em Residência Pedagógica, uma das maiores questões passadas pelas professoras supervisoras das turmas era de que o principal foco dos planejamentos de ensino e abordagens era evitar a evasão escolar. Esta preocupação se torna mais necessária nos anos mais avançados, visto que, a desmotivação dos alunos mais velhos tem sido evidentemente maior em relação aos alunos mais novos. Isto é visível tanto nos retornos de atividades quanto na presença e participação nas aulas síncronas. As

aulas síncronas do ensino médio são as mais vazias. Os alunos sentem falta dos processos de socialização em especial, e todas estas mudanças e limitações estão os desmotivando cada vez mais. Como adentrar nestes vazios internos? Como dialogar com eles? Muitas vezes nos foi recomendada a criação de planejamentos que contemplassem principalmente as competências emocionais da disciplina. Basicamente, nossa situação tem sido a de lidar com os vazios o tempo inteiro. Buscando maneiras de chegar nos alunos e acolher os vazios alheios, ainda que os nossos estejam também tão latentes dentro de nós. Tivemos de buscar pela própria disponibilidade interna para que pudéssemos buscá-la nos demais. Uma bagagem a mais, o serviço de amenizar questões que doem também nos educadores, uma sensação de responsabilidade extra inundada de incertezas. A busca constante por meios de se conectar a outros universos internos tão distantes, ligados por vias digitais e, por muitas vezes, deixados pela ausência em parte dos alunos. Como saber o que nos falta? Temos de ser eficientes na hora de vencer o cansaço, o desânimo, e ser capaz de garantir um incentivo. Escolher a melhor abordagem... redigitar o enunciado tantas vezes, fazer vídeos explicativos para garantir o melhor entendimento, responder todas as dúvidas da melhor maneira que encontramos, dar instruções passo a passo no uso das tecnologias digitais, aconselhar, motivar, agir bem, ser boa, ser suficiente... Trilhar sem desistir, ainda que os vazios permaneçam latentes. Por nós mesmos, por eles, por todos. Dia desses minha professora supervisora da Residência Pedagógica Mônica Bonatto estava gesticulando com as mãos durante suas falas na nossa reunião semanal, com as unhas vermelhas. Foi a primeira vez em mais de um ano que a vi de unhas pintadas. Comentei, elogiei. Ela agradeceu pela percepção e elogios, e comentou enquanto olhava para as próprias mãos, que era um hábito comum antes do Ensino Remoto Emergencial, ela adorava pintar as unhas, e a muito tempo não pintava até então. Antes do ensino remoto, nas atividades docentes expositivas em que participei, eu também tinha o hábito de gesticular muito durante as falas, e uma das minhas preparações para uma nova experiência em sala de aula, quase como um ritual, também era essa: pintar as unhas com uma cor bem colorida. Achava que chamava a atenção para os gestos, e principalmente: as cores delas me alegravam. Eu também perdi esse hábito que me era tão divertido. Ainda que minhas mãos estejam visíveis pela minha webcam do computador, eu parei de pintá-las. São pequenos hábitos, pequenas ausências, pequenas mudanças de rotina, que vão se tornando um grande monturo interior,

além de todas as incertezas, além de todos os vazios comuns que a docência nos proporciona.

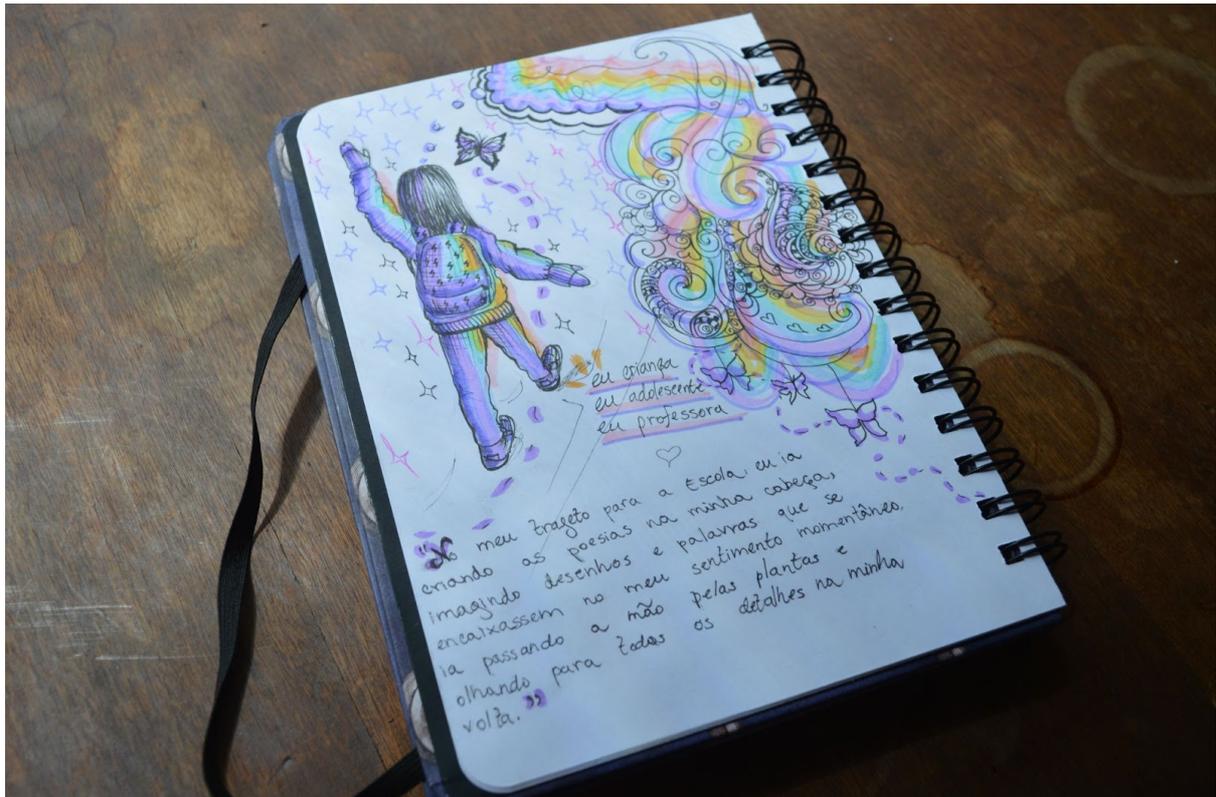


(fotografia pessoal/acervo pessoal)

Figura 4

As unhas se tornaram, a partir de então, quase que um lembrete da situação. Do latente esquecimento de nós mesmos, ou então, no ato de pintá-las, uma pequena resistência e recordação das pequenas coisas. Cursar os estágios e o final do curso de graduação em licenciatura justamente neste período pandêmico, sentindo falta da sala de aula, tanto a da faculdade com nossos próprios professores, quanto a sala de aula em que nós atuamos como tal, é carregar a experiência de um desdobramento e ressignificação. De uma lacuna que transborda reverberações e dificuldades, desvalorização, desmotivação, e ainda tentar se enxergar no futuro, pensando no que vai acontecer. Como estes vazios irão sobreviver e se transformar? Ainda irei pintar as unhas e seguir normalmente? O que há de vir? Estamos todos remando dentro de uma lacuna. Navegando entre aprendizados, mergulhando nas intensidades, focando nas relações e principalmente nesta grande viagem que é a construção do ser-docente.

4 DIA 2 - SER PROFESSOR



(fotografia pessoal/acervo pessoal)

Figura 5

Ponto de Pauta - Sobre o *Ser Professor*, questão que se desdobrou a partir de uma atividade realizada no Estágio Obrigatório I, que sugeria a reflexão acerca do que é ser docente.

“O Ser Professora-Artista é nutrido ao longo da minha história. Todas as memórias que compõem a minha narrativa contribuem de alguma maneira para o ser, para a poética que se desdobra e se transforma em potência docente. A experiência pessoal contribui para a busca de saberes que encaixam o que faltou ou poderia potencializar a aluna que eu fui e continuo sendo. As referências estudadas agregam um universo inteiro de possibilidades. As conversas e trocas com o mundo e as pessoas trazem diferentes perspectivas e entendimento sobre diferentes realidades. O processo artístico pessoal desenvolve também o ser educador pois

mediar é também aprender e construir. Todos os professores que eu tive, as pessoas que passaram por mim, todos os livros que li, os pensamentos que tive, as problemáticas que vivenciei e aprendi sobre, os bons e os maus exemplos, as trocas, toda a vontade de fazer e também a falta dela. Todos os aprendizados e repertórios que acumulei até aqui e o que se seguirá durante a carreira. O que me nutre no ser professor, é a vida. “ (Fragmento Diário, 03/03/2021)

Este trecho do diário foi escrito a partir de uma proposição semanal do Estágio Obrigatório I, que debatia esta construção da professoralidade, juntamente do questionamento do que, afinal, é ser professor e o que o nutre. A primeira coisa que me veio à mente neste questionamento foram todos os professores que percorreram a minha trajetória. Jorge Larrosa (2018, p.26-35), reuniu diversas palavras relacionadas ao escolar elaboradas por professores em atuação, observando que muitas palavras surgiram, não da prática docente dos professores, mas de suas memórias de infância enquanto alunos. Eu certamente escolheria a palavra professor. Ao me deparar com minhas memórias, não pude deixar de lembrar da sensação de ser aluna nas diversas classes que frequentei, constantemente vidrada nas falas dos meus professores. A sensação de admirar o entusiasmo e a paixão enquanto discorriam sobre suas matérias favoritas, sobre o que aprendiam com elas e o que gostariam de compartilhar conosco. Quantas vezes não presenciei olhares cheios de lágrimas enquanto comentavam aquilo que os fez apaixonar pelas suas respectivas disciplinas e o impulso que gerava em suas vidas. O que eu via neles era *inspiração*. Nunca se tratava apenas de história, ou de português, ou de geografia... Era sempre sobre a vida, a vida e como aqueles conteúdos se relacionavam com ela. Presenciar aqueles acontecimentos, de um professor sentado em cima da mesa, olhando nos olhos de cada um e contando sobre todas as coisas pelas quais era inspirado, trazia essa inspiração não apenas para o momento da sala de aula como para a minha própria vida. Eu me identificava com aquele sentimento, em todos os momentos que eu passeava por aí apreciando os detalhes e também na escola, com um sentimento imenso, uma vontade de expandir. Não se tratava de levar a inspiração dos professores e as experiências da escola para a vida, o próprio estar em sala de aula era vivência. Afinal, “[...] educação é um processo direto da vida, e a escola não pode ser uma preparação para a vida, mas sim, a própria vida.” (DEWEY, 1967, p.7). A aprendizagem,

experiência e a vida se entrelaçam em uma coisa só. Não há porquê da educação se não pela vida, não somos aquilo que somos mas também aquilo que vivemos. Não havia diferença para mim na troca com os professores dentro de sala de aula, das observações e vivências dentro da escola, com a minha vida. Me emocionava, socializava, criava, e podia abundantemente *ser*, dentro da escola. Não era apenas uma preparação para o mundo afora, a escola era o próprio mundo. “A educação só tem sentido como vida. Ela é vida” (GADOTTI, 2011, p.109). Me nutria juntamente de meus professores em suas inspirações de viver e perspectivas de mundo, esta identificação me levava a construção do ser, a fazer relações com a vida e a ganhar uma visão sensível dos universos internos e externos. A vivência e o aprendizado começam junto do início de nossa vida, mas a fagulha que desencadeou o meu caminho foram os profissionais que passaram por mim e deixaram comigo um pouco deles mesmos.

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais... (ALVES, 1994, p.4)

Não apenas as palavras apaixonadas, mas também as discórdias. “*As problemáticas que vivenciei e aprendi sobre, os bons e os maus exemplos*” (Fragmento Diário, 03/02/2021). Os maus exemplos também vivem em mim e são tão importantes quanto os bons para o meu ser docente. Também vivem em mim as situações ruins, como a professora de artes pegando o lápis da minha mão e desenhando por cima do meu desenho. Os maus exemplos servem de objeto para análise crítica, uma oportunidade de aprendizado para aquilo que não quero ser, e também para as situações que gostaria de evitar. As professoras que só passaram desenho livre e fizeram cartões comemorativos, também são inspiração. Afinal, os ensinamentos e concepções de arte que não me satisfizeram enquanto aluna, são potências de mudança para a minha própria prática. Me levam a motivação de levar algo mais. Todas as vezes que escutei falas de desmerecimento à disciplina de artes, só me é um desafio provar o contrário. Fui muito inspirada por uns, e desafiada por outros. Se pudesse escolher apenas uma mudança para fazer na vivência dos alunos, escolheria a que ficou para mim: o movimento. Não me recordo da maioria dos conteúdos da escola, esqueci muitos dos termos, muitas fórmulas, muitos mapas e tabelas. Todas estas informações eu poderia acessar nos livros e

outras mídias, mas o que ficou de mais forte em mim foi o movimento por trás dos conteúdos, as relações com a vida, a vontade de ser e fazer, a inspiração, o fogo que estas fagulhas me atiçaram. Para onde este movimento leva cada um, tem mais a ver com as perspectivas e determinações pessoais de ser. Para mim, de alguma forma me levou à arte, à poesia, à educação e principalmente ao amor à vida. Meus colegas de escola, que assistiram a tantas aulas iguais às minhas, tiveram seus próprios movimentos com suas próprias interpretações, mas a verdade é que absorvemos muito da escola e nem percebemos. Sei que do jeito de cada um deles, também levam consigo um pouco de tudo que vivenciamos.

Se todos nós lemos um poema, o poema é, sem dúvida, o mesmo, porém a leitura em cada caso é diferente, singular para cada um. Por isso poderíamos dizer que todos lemos e não lemos o mesmo poema. É o mesmo desde o ponto de vista do texto, mas é diferente desde o ponto de vista da leitura (LARROSA, 2014, p.16).

O meu ser-professora carrega tanto de tantos e tanto de tudo, da mesma maneira que todos nós carregamos, pois a experiência de si e de docência não podem ser dissociadas. Da mesma maneira que tenho tantos professores em mim, almejo regar também outras sementes e ajudar neste interminável nutrir pela vida. Todos os dias, a cada nova vivência, estou sempre a nutrir o meu ser docente. Quando reflito sobre a prática pedagógica, quando penso nas próximas atividades da universidade e como realizá-las, quando escuto as falas dos colegas, dos professores, quando planejo uma atividade pros alunos dos estágios e Residência Pedagógica, quando leio textos e livros sobre o assunto... E também quando leio sobre assuntos diversos, quando consumo mídias e artes, quando converso sobre a vida, quando observo estéticas, quando sinto, a todo momento enquanto vivo. Em setembro de 2021, assisti as apresentações do Salão de Ensino da UFRGS de diversos cursos de licenciatura. Muitos dos trabalhos falavam sobre o contexto atual de pandemia, transmitindo apoio em seus planejamentos de ensino, pensando soluções de acolhimento em suas pesquisas, se esforçando para alcançar os alunos e cativá-los das mais variadas formas. Frente a tantos trabalhos afetuosos, bem planejados, amorosos, cheios de potência e de entusiasmo docente, só pude me sentir emocionada e parte de um grande grupo de *esperançosos*. Não uma esperança do esperar, afinal:

A esperança, para o professor, a professora, não é algo vazio, de quem 'espera' acontecer. Ao contrário, a esperança para o professor encontra sentido na sua própria profissão, a de transformar pessoas, a de construir pessoas, e alimentar, por sua vez, a esperança delas para que consigam, por sua vez, construir uma realidade diferente (GADOTTI, 2011, p.106).

Neste momento de ensino remoto, vejo os professores como agentes da esperança, numa missão de busca de si e de suas turmas, liderando uma excursão para dentro de nós mesmos. Os professores da área de artes em específico, tem utilizado o ser e o fazer artístico como uma ponte para os universos internos dos alunos, buscando uma conexão sensível nesta névoa de poeiras cósmico-emocionais. Durante o isolamento social, a arte foi uma base para manter nossas cabeças e corações sãos. Em 2020, logo no começo deste isolamento, viralizaram nas redes sociais, vários vídeos de moradores da Itália dentro de suas casas fazendo música em suas varandas criando uma trilha sonora coletiva no tempo, já que não podiam conviver no mesmo espaço (CARVALHO, 2020). Assim como foram inundadas de *lives* de artistas, exposições coletivas, teatro ao vivo, e todo tipo de produção artístico-cultural possível. Houve grande aumento de consumo de redes de *streaming* e servidores de jogos *online*. Vídeos, memes e demais elementos da cultura visual serviram como iniciadores de diálogos e entretenimento. A arte ocupou um espaço de colete salva-vidas na criação de sentidos. Nas perspectivas de ver o mundo, na esperança. Nestas experiências docentes, o tempo todo levamos isto conosco, meios de levar esperança, de evitar a evasão, de trabalhar as questões emocionais, de libertar os alunos nem que por um momento deste isolamento, através da arte. Usamos proposições que os faziam ver através das janelas, criar lugares para si mesmos dentro de sua casa, olhar o seu espaço com ressignificação, habitar seu próprio corpo com liberdade, expressar, sentir. Levar a mente para lugares onde o corpo não pode residir. Tantas vezes me vi colaborando em proposições e pensando em novas, levando em consideração este objetivo, mesmo estando eu mesma trancada e também desanimada. Os professores foram um pilar. No começo do isolamento social, os professores foram muito desvalorizados, por estarem “apenas” dando aulas *online*. À medida que o tempo foi passando e os pais tiveram de ajudar os alunos em casa a realizar as proposições, logo já começaram a reclamar das dificuldades do ensinar. Espero que esta perspectiva mais palpável das atuações docentes deixe no imaginário social um pouco mais da realidade do ser-professor. Tantas vezes quando questionada, ao comentar que o meu curso de graduação é de Licenciatura, as pessoas disseram

“ah... profissão difícil né... tem que ter coragem”. Sim, tem mesmo. Afinal, só os professores sabem o peso deste pilar. E é exatamente por isto, que os professores deveriam ser incentivados, e não receberem comentários de pesar e lástima. Devemos entender a desvalorização dos professores para poder cobrar os direitos dos mesmos e dissolver os comentários desrespeitosos sobre a profissão, e não para recebermos comentários desmotivadores. O início do isolamento social e medida de ensino remoto emergencial colidiu com o meu início da bolsa de Residência Pedagógica e passei todos os dias admirando a coragem, a excelência, a esperança, as transformações, persistência e convicção da minha professora supervisora Mônica Bonatto. Vou levá-la pra sempre dentro de mim. Ainda não disse isso pra ela, mas Mônica, tu não foi apenas um pilar, tu foste uma estrutura inteira!

Neste caminho, me pego perguntando acerca do meu papel dentro de tudo isto. Sou apenas estagiária? Meramente bolsista? Sou uma espécie de ajudante? Sou professora? Às vezes me sinto tão protagonista do fazer, outras vezes me sinto uma pequena estrelinha no que seria uma imensa galáxia. O que me torna uma professora? O diploma? Estar em atuação? O pensar docente? Sei que não sei, e sei que vou estar apenas sendo, sempre em processo. “A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado” (FREIRE, 2011, p.133). A vida o tempo inteiro contribui para este ser, pois na vida estou sendo, sendo eu-criança, eu-aluna, eu-professora.

O processo de ensino-aprendizagem é uma experiência cotidiana. É uma ação constante, vasta, inacabada e provisória. Sabemos que ela não se limita aos conhecimentos canônicos, tampouco ocorre somente nos espaços escolares. No entanto, é essencial uma maior estreiteza e relação entre os saberes escolares e aqueles que permeiam a vivência do indivíduo, quando ele não está na sala de aula, respeitando e integrando, inclusive, os saberes de mundo do aluno e aluna (MACHADO, 2017, p.9).

Mesmo sendo eu uma pequena estrela, o sol também é uma e rege diversos planetas. Sendo um pequeno-grande pontinho de luz em um eterno aprender. Vou sendo muitas coisas, a principal delas é aprendiz. E, acredito eu, é a principal característica de um professor. Em tão pouco tempo estarei atuando sozinha, sendo a sôra.

Mais uma vez, renascida das cinzas, a professora de artes afirmava a potência da vida, as delícias do fazer, do interagir com a matéria. Por isso, refeita, se fazia outra coisa. Sôra. É assim que quase todos os alunos a

chamam. Virei Sôra, aquela que sempre fui, mas só agora é meu devir (ZORDAN, p.135).

Eu me sentirei Sôra? e quando sentir, estarei realmente completa? Sempre haverá a dúvida do que posso fazer melhor, do que me falta.

Na história “A parte que falta” (SILVERSTEIN, 2008), um engraçadinho ser circular segue rolando em busca da parte que lhe falta, cantarolando e rolando por aí, e às vezes, ele pára para apreciar as borboletas, e aquela, para ele, é a *melhor* parte. Sigo em busca daquilo que me falta, rolando infinitamente na construção do eu-docente, sendo aluna-professora, aprendendo a ensinar e ensinar aprendendo, enquanto paro as vezes para admirar as borboletas. Afinal, esta não é a melhor parte?

5 DIA 3 - DO LUGAR

Ponto de Pauta - O lugar escola, pauta surgida a partir de uma atividade no Estágio Obrigatório I, em que fora proposto a montagem de um mural de lembranças das escolas em que estudamos

“A primeira atividade sobre nossa história me fez sentir nostálgica, parei de escrever muitas vezes para recordar momentos do ambiente escolar, me senti muito emocionada e convicta de estar trilhando pelo caminho certo.” (Fragmento Diário, 27/01/2021).

Durante essa reflexão acerca dos colégios que fizeram parte da nossa vida, me atravessaram memórias que a muito tempo eu não visitava. Uma breve visualização do ambiente escolar já me transporta para um outro tempo onde existia um universo para além da nossa própria casa. A história do estudante tem a sala de aula apenas como uma das cenas de um espetáculo inteiro. A experiência da escola aparece nas minhas lembranças em praticamente todos os lugares dela. Na recepção juntamente com meus colegas esperando o sinal do segundo período depois de chegar atrasada, nos corredores entre as trocas de período, no refeitório comendo e conversando e pensando se podia repetir, no barranco atrás dos brinquedos do pátio, na quadra de futebol e de vôlei, do lado dos prédios pulando corda, da cantina que vendia salgadinhos, dos banheiros... e claro, de dentro das salas de aula. Todos os cantinhos tem história. Quantas risadas, choros, conversas, discussões, brincadeiras e demais acontecimentos o lugar *escola* já não presenciou? Passamos tantos anos na escola e tantas horas por dia, que este lugar de vivência se torna uma segunda casa, onde guardamos boa parte das nossas recordações, assim como a escola guarda muitas narrativas que por ali passaram, se tornando um pequeno tesouro de histórias.

se o espaço é simultaneidade de estórias-até-então, lugares são, portanto, coleções destas estórias, articulações dentro das amplas geometrias de poder deste espaço (MASSEY, 2009, p. 190).

Até hoje consigo lembrar claramente de muitos diálogos entre colegas e professores em diversos lugares da escola, consigo lembrar a primeira vez que aprendi alguma coisa, que fiz amizades, que ralei os joelhos, que chorei, que sorri. Todos carregamos conosco um pouquinho da escola, e ela carrega a história de todos que passaram por lá, não apenas metaforicamente mas, com registros e pixos

dos alunos nas cadeiras, paredes, banheiros... O que uma escola diria se pudesse falar? O que as cadeiras diriam quando arrastadas, mudadas de lugar, colocadas lado a lado, desenhadas...? O que os quadros negros diriam depois de escritos e apagados mil vezes? O que as mesas diriam depois de sentir tantos materiais sobre elas e ter tantos trabalhos realizados ali, tantos chicletes colados na parte de baixo e tantos bilhetinhos sendo passados discretamente por debaixo delas? O que os espelhos dos banheiros diriam depois de ouvir tantas conversas íntimas e alunos olhando para eles? Débora Ferreira (2019, p.15) trás de seu excerto de diário de campo um diálogo com uma aluna acerca dos lugares na escola:

— Qual é o lugar em que você se sente bem aqui na escola?

Resposta rápida

— Nenhum!

Duvidando, eu repliquei

— Nenhum, mesmo? Será?

E a estudante, em uma postura desafiadora, respondeu

— Ah, vou falar do banheiro, então!

Eu, de uma forma inesperada para ela, respondi

— Sim, vamos fazer sobre o banheiro, então.

Explodiram risos e foi uma algazarra na turma.

— Sim, qualquer espaço desta escola pode ser um lugar. – disse.

E seguindo o debate

— Por que o banheiro é um lugar pra ti? Por que vocês frequentam ele?

Eu supunha que era um local para fugir das aulas, mas a resposta da estudante me deixou surpresa

— Por causa do espelho, ora!

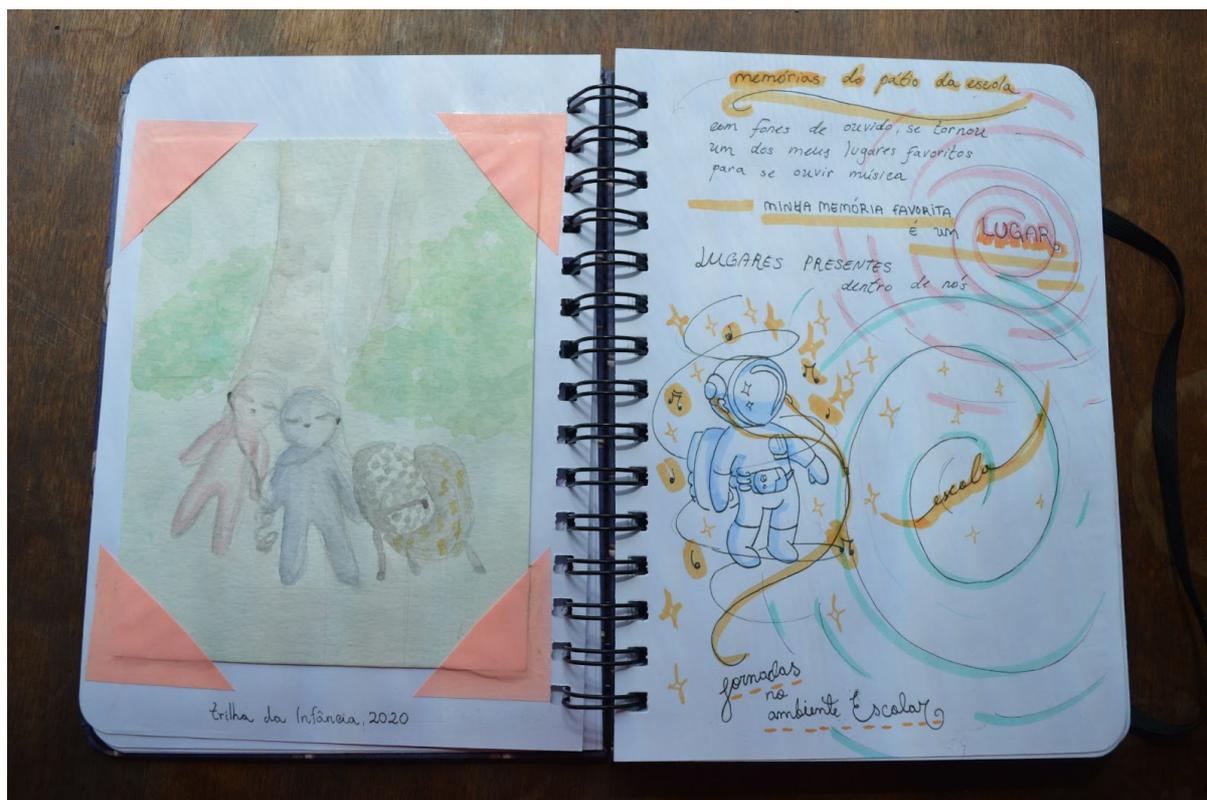
Espaços que fazem parte do cotidiano escolar, como um espelho. Em uma das escolas em que estudei, o espelho do banheiro era o lugar onde nos amontoávamos entre e depois das aulas, conferindo a imagem de nós mesmos, conversando em volta dele, era quase um culto ao espelho, era o lugar de interação de si com a própria imagem e com os colegas. Numa época em que o banheiro feminino das alunas ficou sem espelhos, houve um ato de protesto, em que todas as meninas entravam no banheiro masculino dos alunos para utilização dos espelhos, por mais que as coordenadoras reprovassem a conduta. Isto ocorreu por bastante tempo, trazendo grandes conflitos, até que um novo espelho foi instalado, e ambos os banheiros tivessem seus espelhos.

As lembranças me levaram aos espaços por conta destas narrativas, a escola é palco constante de acontecimentos, lugar de escolarização e uma união de

produção de subjetividades. O lugar da escola está presente no meu inconsciente, os ambientes escolares em que vivi, repetidamente se tornam palcos oníricos, me vejo em sonhos onde estou nas escolas em que estudei, vivendo situações inusitadas, com um corpo e mente infantil, e de encontro com pessoas que convivi naquelas épocas.

Meu cantinho especial na escola, foi na segunda escola que estudei onde cursei da segunda até a oitava série do Ensino Fundamental. Era no pátio em um canto escondido perto do portão de entrada, tinha uma árvore gigante e alguns troncos, costumava sentar neles ou ficar deitada debaixo da sombra da árvore, era quase um lugar sagrado para ouvir música. Minha melhor amiga da época tinha um tocador de mp3 daqueles antigos, onde selecionamos as nossas músicas favoritas. Passamos todos os recreios e períodos vagos (era padrão não termos professores para matérias específicas) ouvindo música e conversando sobre a vida. O futuro era tão incerto e curioso, fazíamos muitos planos do que faríamos e seríamos no futuro, com a promessa de sermos amigas para sempre. Hoje em dia, nem nos falamos, mas as memórias são tão eternas quanto as juras que fizemos. A escola é o lugar de socialização da criança e do adolescente. Em uma entrevista realizada no Estágio Obrigatório II com a professora supervisora e vice-diretora do CAp/UFRGS Simone Fogazzi, ela comentou sobre o fato de no ERE faltar esta parte do aprendizado, a parte de ética e socialização. No ensino presencial, antes da pandemia, os alunos tinham relações interpessoais que possibilitavam uma educação socioemocional. Quando dois alunos brigavam, iam até a direção, onde ela atua como vice-diretora, e o conflito era discutido. Não que não existam relações e éticas digitais, mas elas não possibilitam determinadas situações.

“a atividade nos fazia lembrar os espaços escolares e vivências, criei uma montagem com fotos da minha trajetória escolar, fotos do quadro com informações da aula, fotos com meus colegas, fotos de eventos em que estávamos fantasiados, fotos de trabalhos que realizei, fotos do dia das profissões... Fiquei muito tempo olhando para todas as fotos e selecionando, lembrando de tantas vivências e coisas que gostaria de repetir, desta vez, como docente.” (Fragmento Diário, 03/02/2021)



(fotografia pessoal/acervo pessoal)

Figura 6

Sinto vontade de conhecer novos ambientes e fazer parte de novas histórias, assim como meus professores faziam parte das histórias que nós vivíamos. Tenho muitas lembranças de festivais e recreios, feiras de ciências, festivais de arte e dia de fantasias que me fazem perceber a importância de projetos diferenciados e do deslocamento da sala de aula. Durante este isolamento, enxergando apenas as iniciais em bolinhas no Google Meet, imagens de anime ou raras imagens dos alunos nos ícones, me perguntava a todo instante sobre este lugar. Afinal, os alunos estão privados do lugar da escola, estão em outro lugar. Como é esse lugar onde eles estão confinados? Como se relacionam com esse ambiente? Recebemos muitas orientações acerca de cenários neutros nas nossas imagens de *webcam* nas aulas síncronas, para que não haja comparações de como é a casa das outras pessoas. Muitos alunos têm vergonha de onde moram e muitos não têm um cantinho seu para o estudo. Onde estudam? Onde consomem conteúdos? Este lugar, este grande universo que perpassa os portões da escola, onde está situado

no momento? Onde mora a escola? Estão no Moodle⁴? No Google Meet? No computador/celular/tablet? No seu lugar de estudos(que às vezes é a mesa da cozinha)? Tantas vezes senti necessidade de mudar tudo de lugar, reorganizar, limpar mais vezes, abrir bem as janelas... pois olhar para o mesmo cenário todo dia, trancada, se torna exaustivo. Mesmo considerando o fato do privilégio de ter um quarto individual e uma mesa de estudos grande, com vários materiais e um *notebook*. Então, como está sendo para quem está lidando com tudo isto estudando em cima da cama, no chão, em um quarto compartilhado...?

“Uma das atividades do RP no CAP, propunha uma atividade de fotografia e enquadramento. Pude observar pelas fotos pequenos recortes do mundinho das crianças, seu olhar sobre suas casas. Chega a ser nostálgico lembrar desta relação do olhar infanto-juvenil perante as coisas. A escolha do recorte que os alunos fazem me faz querer conhecer tanto sobre eles, me intriga as suas escolhas, seus afetos. Sinto que a fotografia se torna quase que uma apreciação de envolvimento sobre o lugar, sobre os objetos, sobre o ambiente. Uma aluna fotografou sua coleção de bichinhos de pelúcia, todos alinhadinhos, juntinhos, como se estivessem todos abraçados, os registrou em plano aberto e fechado como sugerido na atividade, pude sentir daqui de longe do meu computador, no meu pequeno espaço, no meu pequeno universo, o afeto e o carinho depositado naquele pequeno registro, em um outro lugar, em um outro universo, de um outro computador. Noutra trabalho de outra aluna, ela registrou seu cantinho de estudos no plano aberto, e seu plano fechado tinha foco em uma fotografia da sua turminha anterior, em tempos de estudo presencial pré pandemia, um foco no contato.” (Fragmento Diário, 19/04/2021)

Nesta atividade, que explorava os planos abertos e fechados na fotografia, realizada nas turmas alfas no Colégio de Aplicação em minha Residência Pedagógica, esses lugares das crianças ganharam forma na minha cabeça, pude vislumbrar um pouco destes cantinhos onde eles estão inseridos e pensando as nossas práticas. Muitas das imagens tinham ao fundo máscaras penduradas, um registro deste novo hábito de segurança que a pandemia nos trouxe, o de usar

⁴ Software de aprendizagem que viabiliza um ambiente virtual, significa “*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*”.

máscaras sempre ao sair. O que diferencia o lugar da nossa casa de outros lugares, considerando que em casa podemos respirar livremente e sem incômodos, e assim que passamos da porta precisamos nos adaptar a respirar debaixo de máscaras, como um ambiente estranho no qual devemos nos proteger. Quando registraram essas paisagens das suas casas, escolheram principalmente aquilo pelo que eles mais têm afeto, depositaram um olhar de homenagem para aquilo que escolheram. Depois de olhar todos os dias para a mesma coisa, deixamos de realmente *ver*, pois tudo parece igual, dia após dia. Precisamos pensar nesses detalhes na hora de planejar essas atividades, pensar nos impactos da saúde mental dos estudantes, como fazer com que se sintam mais acolhidos, nem que sejam por seus próprios objetos queridos, por seus pequenos cantinhos.

“Noutro trabalho de outra aluna, ela registrou seu cantinho de estudos no plano aberto, e seu plano fechado tinha foco em uma fotografia da sua turminha anterior, em tempos de estudo presencial pré pandemia, um foco no contato” (Fragmento Diário, 19/04/2021).

Esta aluna que fotografou a foto da sua turma no presencial, nos mostra algo que ela tem para se apoiar, a saudade. De todas as coisas do quarto dela, ela resolveu mostrar uma época que parece já tão distante, onde ela podia abraçar os colegas e interagir com eles presencialmente. Uma maneira muito sutil e delicada de demonstrar esse sentimento, deixou a todos nós professores e estagiários com uma sensação emotiva de tristeza mas também de esperança. Afinal, onde mora a escola? Buscamos as conexões com os alunos mesmo diante de telas, mesmo através dos ícones das vídeo chamadas, de residências diferentes, de um lugar para o outro, da maneira que nós conseguimos. Para que a escola possa chegar até eles, para que a escola esteja viva, ainda que dentro das telas de celular, *tablet*, *notebook*, ainda que dentro de nossa casa, mesmo que num cantinho... A pandemia esgueirou a escola para os cantinhos.

A educação teve de se desdobrar e desdobrar a própria escola, para que ela coubesse onde fosse. Os desafios da escola sobrevivendo a este não-lugar, que ao mesmo tempo transpassa para todos estes pequenos cantinhos. Sobrevivemos. A escola é imaterial. “A aprendizagem, diz-se, ultrapassa as fronteiras da escola e se dá em todos os lugares e a qualquer momento” (LARROSA, 2018 p. 249).

6 DIA 4 - DAS CONEXÕES E AFETOS

Ponto de Pauta: Dos afetos e conexões aluno/docente, eu/outro e como estabelecê-las.

“Me pergunto como serão as relações neste novo estágio, neste acompanhamento. Como será meu diálogo com o professor, como será meu diálogo com os alunos?”
(Fragmento Diário, 02/08/2021)

Iniciar um Estágio Curricular em Artes Visuais em meio ao Ensino Emergencial Remoto, que acarreta em uma situação de aprendizado com alunos em isolamento social presos dentro de casa, é também assumir a responsabilidade de lidar com turmas em que os alunos estão emocionalmente abalados. Privados da escola em que frequentavam, privados do convívio social, privados, muitas vezes, de supervisão, uma vez que muitos pais que trabalham fora de casa não tiveram com quem deixar os filhos. Muitas famílias enfrentando vulnerabilidade econômica ainda mais acentuada devido ao fechamento dos comércios durante as medidas protetivas. Tendo em vista este contexto, toda a estratégia de ensino produzida nas experiências de estágio, tiveram de considerar estas questões de modo a repensar toda a ação pedagógica e todo o modo de tratamento perante os alunos. O estado psicológico dos alunos foi o ponto vital a se considerar, portanto, como chegar nos estudantes foi uma das questões mais discutidas, como fazer com que ele se sinta acolhido em uma rede de apoio, que sinta empatia de nossa parte, que sinta motivação em permanecer vinculado a escola, que tenha afeto, que tenha realmente um apoio emocional.

A construção de um ambiente virtual de aprendizagem precisa privilegiar o sentimento de pertencimento necessário a um contexto cooperativo e colaborativo e deve privilegiar um efetivo conhecimento das pessoas que resulte em desenvolvimento de afinidades, o que atenuará dificuldades inerentes à aprendizagem na modalidade a distância (SIHLER; FERREIRA, 2011, p.4).

Os professores com quem tive contato durante estas experiências e estavam lidando com essa situação, em nenhum momento receberam suporte psicológico de qualquer fonte. Enquanto tinham de pensar em acolher o aluno, os professores não tiveram um acolhimento para si próprios. Uma tarefa de fazer pelo outro aquilo que estavam lutando para fazer para si mesmos. Enquanto estagiária, tive que traçar um objetivo maior de alcançar o outro, mesmo sem ter certeza se eu me alcançava.

Posso exemplificar com uma questão básica que foi muito recorrente desde o período de isolamento em casa: Ter motivação para começar a rotina, sair da cama, se arrumar, comer alguma coisa, ir para a frente do computador, ter entusiasmo. Algo tão simples que se tornava uma grande batalha. Uma estagiária lidando com si mesma para que pudesse criar estratégias de lidar com o outro. Essas duas linhas se cruzaram o tempo inteiro; O Eu e o Outro. Como erguer alguém enquanto tenta se erguer? Tentei me recordar do que me erguia enquanto aluna, vindo dos professores. Ao pensar na figura do professor como uma força e uma potência de motivação, não lembrei de discursos de grandeza, nem de professores blindados, em armaduras impenetráveis. Lembrei dos professores que choravam, que mostravam de maneira natural o quanto os sentimentos eram normais, o quanto estava tudo bem estar triste, que contavam sobre suas próprias frustrações e que nos abraçavam pelas nossas. Lembrei dos professores que se despiram de suas proteções, que mostraram quem eram enquanto seres humanos, que se mostravam como iguais, e não como salvadores de seus alunos, mas sim como alguém caminhando sobre a mesma terra, e pisando nas mesmas pedras. René Brown (2016, p.33) comenta sobre o quanto acreditamos na vulnerabilidade como uma fraqueza quando se trata de nós mesmos, mas o quanto a admiramos como uma coragem quando se permitem tornar-se vulneráveis perante a nós. Para que haja coragem, é preciso que antes haja medo. Este medo, exposto, gera empatia para que o aluno saiba olhar para o seu próprio medo também, para que veja que ele pode ser conversado, que ele está em todos os lugares. Para isso, como docente, é preciso a força e a coragem para se expor, e neste momento entrar em uma aula síncrona e conversar com os alunos estando aberto, se colocando em uma situação onde você pode ser criticado. Você pode sim ser desrespeitado e chamado de fraco, e deve agir de forma responsável nestas situações, mas elas podem acontecer. Criar uma armadura não impede que estas situações aconteçam de qualquer forma, e não necessariamente te atingirão de maneira diferente. Mostrar-se como se é verdadeiramente, juntamente das batalhas que trava, sem tentar se mostrar forte por estar livre das frustrações, mas forte justamente por lidar com elas. Uma força que vem da vulnerabilidade e da exposição das batalhas, uma força que vem do medo, e do medo a coragem de continuar. Se conectando consigo mesmo, para que os alunos possam se conectar com eles através de você, para que possam se sentir confortáveis para eles mesmos largarem pouco a pouco as armaduras que

carregam, os escudos contra o mundo, a fim de criar um espaço seguro, onde podemos adentrar dentro de nossas profundezas e tirar toda expressão que pode vir. Que se possa ser confortável pedir ajuda, que se possa ser confortável ajudar o outro, trocar com o outro, trocar consigo mesmo. Que o envolvimento e o afeto transpassem as telas dos computadores. “Mesmo nos espaços de interação assíncronos é possível estabelecer laços e estimular a criatividade e a colaboração” (DUTRA, SITOIE, 2020, p.1085). Justamente por ser um momento delicado, onde temos de evitar a evasão escolar e criar um senso de pertencimento nesta ausência de um lugar físico para chamar de escola, é preciso um olhar mais cuidadoso, mais empático. “O afeto como combustível para aprender e ensinar, que poderá vir a ser um elo necessário para manter acesa a chama da curiosidade, tão necessária no processo de ensino-aprendizagem na modalidade de Educação Online” (BAPTISTA, MARTINS, 2018, p.9). Pensar o aluno em todo seu contexto e trazer este combustível nos modos de se relacionar, na atenção, na disciplina, no cuidado e também sendo honesta comigo e com eles.

Essa afetividade não é materializada por escrever beijos e abraços ao final das mensagens, mas em um sentido mais amplo e comprometido como, por exemplo, ao se fazer presente e atenta à movimentação dos alunos no ambiente virtual; ao atender individualmente e atenciosamente cada aluno; ao responder às suas dúvidas rapidamente; ao ler atentamente os seus trabalhos e escrever pareceres comprometidos e críticos; ao participar ativamente dos fóruns buscando agregá-los e instigá-los a novas aprendizagens. Desse mesmo modo, exige comprometimento, responsabilidade, participação, pontualidade. (MONTEIRO et al., 2014, p.3.010).

Apesar de não faltarem os beijos e abraços ao final das mensagens, é também sobre dar o melhor de nós, o meu melhor daquele dia, daquele instante. Portanto, optei por pensar em como deixar a ponte sempre aberta, entre mim e o outro.



(fotografia pessoal/acervo pessoal)

Figura 7

“Penso no quanto estar vulnerável é essencial para criar as conexões que desejamos. É muito importante criar conexões com os alunos, para que eles se sintam aceitos, para que eles tenham coragem, para que eles se entreguem. Arte é um fazer entregue, eu gosto quando os alunos se expressam, quando exploram o que existe dentro deles, quando conhecem melhor a si mesmos. Como eu poderia incentivar essas crianças, cheias de profundidades dentro de si mesmas, que se entregam completamente, se eu não estiver completamente exposta? Dar uma boa aula é estar nua. Me entregar para os alunos é o mínimo que eles merecem, para que aceitem quem eles são verdadeiramente, para que explorem os seus próprios detalhes, suas próprias lembranças, suas impressões, seus olhares, seus fazeres e expressões, é o mínimo que tenham de mim o mesmo, que possam ver através do rótulo de professor e artista. É preciso se mostrar como universo, expor as profundidades, expor as fraquezas, e tudo aquilo que nos torna humanos. Criar vínculos é sobre compartilhar e aceitar, sobre expor vulnerabilidades. É preciso esquecer de todos os medos e sacrificar a vaidade em prol do conforto dos alunos,

do conforto de também despir-se das armaduras, em prol da troca. Nestes momentos de isolamento, de solidão, em que queremos chegar o mais fundo possível dos alunos e assegurar este envolvimento mesmo pelas vias virtuais, é preciso uma nudez de alma. Depois de me envolver com a docência eu não sou mais apaixonada apenas por arte unicamente como disciplina, eu sou apaixonada por envolvimento, por expressão, por crescimento, por união, por trocas... Nós não precisamos de uma sala de aula para que o envolvimento aconteça, nós precisamos de envolvimento; É onde a conexão acontece. Permitir que adentrem em nosso universo para o encontro das galáxias, é a verdadeira obra de arte. Ser professor é abdicar das armaduras, e estar aberto aos alunos, às vezes seres desconhecidos e com suas próprias questões e problemáticas, e sim, estaremos expostos a ferimentos, mas queremos garantir que por mais que doa em nós e neles, a ponte entre galáxias esteja sempre acessível.” (Fragmento Diário, 06/05/2021)

Conclui que a melhor maneira para criar essas conexões com os alunos, é estar nua. Se mostrar como ser humano deixando nossa órbita exposta, que nos deixemos afetar com amorosidade e disciplina para que se sintam livres para serem cativados e pertencentes ao lugar.

A prática da amorosidade é imprescindível e necessária no contexto atual, motivando alunos e professores para o alcance da superação de todas as dificuldades enfrentadas, como o acesso à tecnologia, saúde, alimentação e moradia, provocadas pela desigualdade social no esforço de não cometer a evasão escolar, e assim procurar reter o máximo de conhecimento e permanecer no processo ensino -aprendizagem. (SANTOS, SOUZA, 2020, p.89).

As conexões são a maior parte do trabalho, pois montar os planejamentos e estudar o conteúdo acaba sendo apenas a parte inicial, mas o desafio maior surge nesta busca pelo envolvimento. “Um olhar de afeto, um olhar amoroso. Educação e afeto! O ato de educar não pode ser visto apenas como depositar informações nem transmitir conhecimentos” (CHALITA, 2001, p.11). Os conteúdos e as trocas podem andar juntos e se complementar, que o envolvimento seja completo, que o aprender seja juntamente ao viver. Preciso mostrar em mim as infinitas possibilidades de ser, para que só os reste compreender que podem acessar o mesmo em si mesmos.

E se eu falhar?

[...] a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo. É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda a educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação (FREIRE, 1979, p. 40).

O início desta jornada parece turvo e é tão cheio de incertezas, nos sentimos astronautas viajantes olhando tantas estrelas brilhantes e lidando com o desconhecido. Criar essas pontes para mim foi a garantia de saber que o caminho está aberto para aqueles que queiram brincar conosco entre os cometas, aqueles que queiram admirar os brilhos apenas de longe, ou apenas saber que está lá. Os fracassos também serão as vitórias, contanto que sempre ousados, pois mesmo que, por vezes, ninguém a ultrapasse, a ponte estará intacta e pronta para quaisquer reparos!

O crédito pertence ao homem que está por inteiro na arena da vida, cujo rosto está manchado de poeira, suor e sangue; que luta bravamente; que erra, que decepciona, porque não há esforço sem erros e decepções; mas que, na verdade, se empenha em seus feitos; que conhece o entusiasmo, as grandes paixões; que se entrega a uma causa digna; que, na melhor das hipóteses, conhece no final o triunfo da grande conquista e que, na pior, se fracassar, ao menos fracassa ousando grandemente.⁵ (ROOSEVELT *apud* BROWN, 2016, p.9)

No Estágio Obrigatório II, durante a atuação na turma de 8º ano no CAp/UFRGS com a professora Simone Fogazzi, que foi realizada em grupo com outros estagiários, ocorreu uma conversa durante uma das nossas reuniões semanais que tinham a ver com estas relações. Uma estagiária estava comentando sobre um aluno que demonstrava não estar bem, e questionava a maneira de como se portar diante disto. Dadas as principais orientações sobre como proceder nesse caso e para que departamentos encaminhar, começamos a conversar sobre a maneira “ideal” de lidar com a situação, nas maneiras de se comunicar.

Depois de pensarmos várias questões acerca das falas, dos cuidados, da empatia, percebemos que o aluno pode interpretar falas de diversas formas, então que devemos sempre observar o aluno e como ele reage às nossas atitudes e dizeres.

Ouvimos muitas histórias da nossa supervisora sobre alunos que tratavam o professor de maneira a espelhar seus problemas no professor, o vendo como uma autoridade e os associando aos pais, por exemplo. Nem sempre é algo pessoal, às vezes, não tem nada a ver conosco, mas o aluno trás bagagens e problemas, e

⁵ Trecho do discurso "O Homem na Arena" proferido por Theodore Roosevelt, em 23 de abril de 1910, na Sorbonne.

cabe a nós mediar, orientar, e também tomar as providências necessárias. Buscar estas conexões se torna ainda mais difícil em situações assim, o desafio será sempre esse: manter esta ponte aberta para alunos que não estarão apenas cheios de armaduras, mas também com espadas. Outra questão levantada, é o fato de que, apesar de nem sempre ser pessoal, às vezes é. Não adianta pensarmos que tudo que vem são questões de fora, às vezes, nós realmente falamos alguma besteira, nos expressamos mal, às vezes, lidamos da maneira errada, reagimos mal, e, por vezes, sem nem perceber. A supervisora salientou isso, é preciso uma monitoração constante de nós mesmos, é preciso também deixar a fala aberta para que os alunos possam se abrir e se sentir seguros de dizer quando nós os machucamos também. Assim como eles, nós também temos gatilhos, questões emocionais, e nunca sabemos quando qualquer uma dessas complexidades podem colidir. Universos também contém cometas e explosões. Uma das minhas colegas estagiárias compartilhou seu medo, de não saber quais fagulhas poderiam desencadear nela alguma reação negativa, e que ela tem medo dela mesma. Esta é uma realidade, nós falharemos. E milhares de vezes. Ter consciência disto é o primeiro passo para deixar nossas pontes sempre em constante reparo. Para que na primeira explosão, a gente saiba que não será o fim do mundo. O maior conselho que ela nos deu durante aquela reunião, e que concluiu nosso encontro foi: Se vocês querem ser professores melhores, estudem comunicação não-violenta e justiça restaurativa.

Como começar essas conexões? Decidi que estaria aberta e que daria de mim tudo aquilo que gostaria de receber dos alunos. A teoria fazia muito sentido na minha cabeça, mas como colocar em prática? Durante o período de observação das aulas síncronas da minha supervisora de Estágio II no CAp/UFRGS, pude ver ela abrindo as aulas de maneira informal, conversando tranquilamente com os alunos sobre assuntos rotineiros enquanto aguardava a chegada de todos durante os cinco minutinhos de espera iniciais. Nas reuniões ela explicava que fazia isso para ir descontraindo, e também agregando os alunos, que isso fazia parte da aula. Me lembrei de um tópico que já havia sido abordado durante o Estágio Obrigatório I, no semestre anterior, que questionava: Como começar uma aula? Isso tinha tudo a ver com a geração de envolvimento.

Antes de entrar no conteúdo que for, antes disso, acredito que falar sobre os nossos cotidianos (o meu e o dos meus estudantes), sempre fez e fará parte de todos os inícios de minhas aulas. Impossível ser indiferente ao que vivemos no dia-a-dia. Sim, aquelas pessoas que te acompanharão em vários encontros, por meses, tem sede de novos saberes, mas também querem atenção, afeto; então conversar sobre as nossas experiências cotidianas sempre será o primeiro momento de uma aula. E, ao passar a falar sobre qualquer conteúdo, em qualquer lugar é preciso, antes, fazer essa conexão, saber das pessoas, de suas experiências, porque se eu não souber nada sobre esses sujeitos com os quais conviverei, penso que não conseguirei que eles se interessem por qualquer conteúdo que eu pretenda trabalhar (VITELLI, 2019, s/p).

Os primeiros passos para deixar o caminho livre, para estabelecer a ponte. Além de relacionar o conteúdo da aula com a vida cotidiana dos alunos, falar sobre a vida cotidiana em si demonstrava interesse na vida dos alunos, isto abre margens para o afeto e a sensação de que os alunos são importantes. Já tinha o conteúdo e os materiais de apresentação prontos para dar a minha primeira aula síncrona autônoma, em que a professora supervisora estaria como observadora passiva. A aula seria conduzida por mim e por mais dois estagiários do nosso estágio coletivo. Acabamos por decidir começar a aula da mesma maneira, para ver o que acontecia. Ocorreu na plataforma do Google Meet, os alunos foram entrando aos poucos e fomos cumprimentando todos. Alguns davam “Oi” pelo *voice* e outros digitavam no *chat* da plataforma, outros, apenas entravam na sala em silêncio. Eu e os dois estagiários começamos a conversar entre nós mesmos, sobre o tempo, o sono, o dia, como estávamos, enquanto incentivamos os alunos a falarem também. Aos poucos alguns começaram a participar, comentando onde eles estavam vendo a aula, se era em uma mesa de estudos, em uma cama, em um quarto, em uma sala... O assunto foi se descontraindo naturalmente.

“Eu e meus colegas de estágios introduzimos a aula conversando sobre nossas experiências no IA [Instituto de Artes], porque decidimos escolher o curso de artes, isso foi legal porque gerou um mini debate sobre as artes, o que têm em um curso de artes, as coisas que gostamos e as artes e mídias que consumimos. Foi uma ótima abertura de aula, gerou uma conversa muito legal para mim e para os alunos também.” (Fragmento Diário, 21/10/2021)

Como era nossa primeira aula sem a professora, nos apresentamos de novo de maneira mais completa. Além dos dados básicos como nome, idade, e curso,

também comentei sobre alguns *hobbies*. Eu tinha notado que muitos alunos tinham imagens de Anime nos avatares da plataforma, e como também gosto e conheço, citei este *hobbie* a fim de gerar identificação. Depois comentei todos os motivos que me fizeram escolher o curso de Artes Visuais, os meus colegas estagiários foram comentando também sobre o assunto, e depois das apresentações virou um bate papo sobre como é e como funciona o curso de Artes Visuais. Os alunos tinham várias dúvidas e se mostraram bem interessados nas disciplinas e conteúdos que comentamos ter estudado, quais gostamos mais e menos. Até passamos dos cinco minutos de espera, mas de certa forma acabamos entrando no nosso conteúdo através da conversa de forma fluída. Falamos de nós e ouvimos eles, uma coisa bem rara nas aulas síncronas no ERE, em que os alunos costumam ficar em silêncio durante toda a aula. É claro que levamos em consideração o fato de que por sermos estagiários novos éramos novidade, e que era mais fácil estabelecer um diálogo interagindo entre nós três antes dos alunos começarem a adentrar o assunto, e que, sozinhos, poderia ter sido bem diferente. Ainda assim, foi uma experiência muito rica em aprendizados e pude me sentir confortável e confiante perante o lecionar. Afinal, foi apenas um pequeno remar de vastas águas que ainda irei traçar. “E, se remarmos juntos, com certeza chegaremos a um porto mais seguro” (MARINHO, 2021, s/p).

7 DIA 5 - DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E AS TECNOLOGIAS

Ponto de Pauta: Urgência, uso, aprendizagem e ensino das tecnologias digitais para o ERE.

Em 2020, a pandemia da COVID-19 pegou a todos de surpresa. A adoção da medida de isolamento social impossibilitou a normalidade das aulas presenciais nas escolas. Em meio a tudo isto, a solução para manter as atividades docentes em funcionamento durante este período, foi a adoção do Ensino Remoto Emergencial - ERE. Portanto, a única saída foi: a tecnologia, mais especificamente as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDIC, em contexto escolar.

Com efeito, a suspensão das atividades letivas presenciais, por todo o mundo, gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergência (MOREIRA et al, 2020, p.352).

Os professores tiveram de deslocar seu lugar de sala de aula para as telas dos computadores, *tablets* e dos celulares. Depararam-se com ferramentas e métodos de ensino com os quais não foram preparados para manejar. Não só os processos de uso das ferramentas em si como todo o uso e meio de planejamento a partir delas. O uso das tecnologias não é realidade comum nas escolas, não só pelo pouco ou nenhum preparo dos profissionais, quanto pela estrutura oferecida pelas redes de ensino.

Isso tudo aconteceu em um curto espaço de tempo, conciliando este enfrentamento juntamente de todas as demais dificuldades que o isolamento social trouxe para a vida pessoal e profissional dos professores. Portanto, essa mudança brusca afetou diretamente a disponibilidade interna de cada um.

"Disponibilidade interna - termo utilizado por uma convidada na nossa reunião do CAP/UFRGS, sobre a vontade de criar aulas em vídeo e elaborações ead. Contando que o medo dela de Moodle já passou, mas está em acompanhamento psicológico para lidar com essas questões." (Fragmento Diário, 27/05/2021)

Em uma reunião semanal da bolsa de Residência Pedagógica no Colégio de Aplicação, houve convidados professores da escola para comentar sobre suas

adaptações ao ERE. Uma convidada específica, comentou muito sobre a questão da disponibilidade interna. Que por mais que tenha a necessidade urgente de aprender como utilizar as ferramentas digitais para as aulas, e por mais que sinta motivação, ela estava com uma disponibilidade interna pequena, a considerar o amontoado de situações que surgiram no mesmo período de tempo e a deixaram ansiosa e com dificuldades de aprender com toda esta pressão.

Os docentes precisaram por força da urgência, em um curto espaço de tempo, reaprender/refazer sua forma de acesso aos estudantes, encaminhar atividades e acompanhar de modo mais individual a trajetória de cada um (CASTAMAN, RODRIGUES, 2020, p. 09).

As dúvidas surgiam sem parar, os professores estavam confusos e vulneráveis, como proceder nessa situação? Como fazer essa adaptação? Que novas competências eu preciso adquirir? Depois de tantos anos de carreira, os docentes se viram imersos em uma situação que virou seus métodos, costumes e planejamentos do avesso.

A virtualização dos sistemas educativos a que neste momento estamos sendo obrigados a efetuar pressupõe a alteração dos seus modelos e práticas e “obriga” o professor a assumir novos papéis, comunicando de formas com as quais não estava habituado (MOREIRA et al, 2020, p.354).

O professor não só estava no papel de aprender, por muitas vezes desde o básico, como também estava a conduzir os alunos e familiares deles. “O desafio não é simples: como professores, precisamos preparar os alunos para trabalhar com um universo tecnológico no qual nós mesmos ainda somos principiantes” (DOWBOR, 2001, p.7).

No Colégio de Aplicação CAP/UFRGS, pude presenciar o processo dessa adaptação, em principal através da bolsa de RP, que teve seu início em outubro de 2020 e perdurou até março de 2022. No início da minha trajetória de RP no final do ano de 2020, o CAP estava fornecendo as atividades das aulas em formato PDF por três vias simultâneas: por email direto para os alunos ou para os pais deles no caso dos alunos mais novos, WhatsApp (ferramenta comum de chat de conversação) para as famílias com dificuldade de acesso aos emails, e também por impressão dos PDF na secretaria da escola para os alunos sem ou com pouco acesso à internet. No início de 2021, a escola migrou para a plataforma Moodle e a utilizou como canal principal para agrupar e centralizar um ambiente de ensino.

No que tange às aulas, neste momento, realizadas na modalidade de ERE obrigou professores e alunos a se apropriarem de ferramentas digitais para seguir com o ensino, por isso tornou-se necessária a existência de algum ambiente online que centralizasse o processo de construção do conhecimento (OLIVEIRA, CORRÊA, MOREIS, 2020, p.11).

O Moodle foi a plataforma onde as aulas eram dispostas, o conteúdo semanal era publicado por lá, com o PDF de conteúdo/atividade e com *links* diretos para o Google Meet nas datas em que houvesse encontro síncrono. A partir de então, além de aprender a utilizar essas plataformas, começaram a ser pensadas outras ferramentas que pudessem agregar a essa situação de aprendizagem. Durante as reuniões sempre procurávamos novas ferramentas, principalmente aplicativos de edição de vídeo, que foi um dos recursos mais utilizados além dos PDF. Vídeos do Youtube eram muito veiculados no Moodle, e alguns do aplicativo TikTok, que fez grande sucesso nessa época. Pude observar todo o processo de procura dessas incorporações no trabalho. A professora supervisora montou alguns games com relação aos conteúdos em plataformas online, o que movimentou fortemente os alunos. Ela se desdobrou muito bem nessa busca, sempre pensando em como aplicar didaticamente cada ferramenta. Nos fóruns do Moodle, onde os alunos publicavam seus trabalhos, ela os respondia com avatares do próprio rosto dela, a fim de causar um envolvimento e interação maior com os alunos. Fazíamos muitas aulas envolvendo personagens, publicando vídeos utilizando filtros divertidos na nossa imagem, por exemplo, pois queríamos utilizar as ferramentas de uma maneira que pudséssemos chegar mais perto do aluno e gerar interações lúdicas, pensamos o que aquilo poderia nos oferecer.

“A Mônica [Professora supervisora do CAP] estava comentando sobre essas questões do ensino remoto, que isso de criar personagens, fazer o mundo do faz de conta, ela conseguiu resgatar isso, e quer levar pro presencial também quando voltar. Afinal, nunca ela teve que se deparar tanto com a própria imagem, e brincar com ela.” (Fragmento Diário, 07/10/2021)

Essa criação de personagens foi algo que surgiu naturalmente, a supervisora Mônica explorou muito a sua própria imagem e modo de como apresentá-la ludicamente para os alunos, já que eles não podiam vê-la pessoalmente. Era uma maneira divertida de nos aproximarmos deles. Houve uma atividade chamada de

Aventura Maluca, na qual os alunos estavam inseridos em uma aventura e fazendo trajetos dentro dessa história conduzida pelas professoras. Cada semana era uma atividade diferente, com imagens ilustrando cenários da aventura a partir de montagens de fotos. Era uma aventura em que os alunos iam seguindo uma narrativa a partir das orientações e cenários. A história era gerada semana a semana e estava sempre se deslocando para diferentes lugares, explorando e entrando em situações malucas! Assim, os alunos podiam ter a sensação de estarem viajando. Mesmo dentro de casa, podiam gerar viagens em suas mentes, utilizando os estímulos visuais e narrados das atividades e o principal: a imaginação. Uma grande aventura digital.

“Os alunos estão em uma aventura criada pelas profes, alguns estão fazendo relatos de lugares onde visitaram, florestas, oceanos, universos, reinos, e outros estavam nos grupos de resgates fazendo mapas! Uma mãe de um aluno comentou que ele ficava em casa brincando que estava nesta aventura, e brincava de imaginar que as profes estavam lá também e conversava com elas. Foi encontrada uma maneira de fazer com que viajassem sem sair do lugar, que se aventurassem mesmo presos dentro de suas casas. Montando mapas e imaginando, junto a todos os colegas, que mesmo longe eram companheiros de viagem. Maneiras de desdobrar o ERE de maneira que possa ser possível suprir essa necessidade de voar e se relacionar com os outros. Ficaram todos empolgados para contar as aventuras que viveram dentro de suas cabeças. Os mapas criados ficaram únicos, com as mais diversas características da mente de cada um. Um deles tinha um Urso no meio do caminho! Outros, trajetos entre os planetas, até com alienígenas!”
(Fragmento Diário, 10/06/2021)

Uma das atividades dentro desse planejamento consistia na criação de mapas dos lugares onde eles estavam visitando. Os alunos criavam muito a partir das proposições do Moodle. Linhas e traçados conduzindo uma narrativa, expressando no desenhar toda a empolgação da grande viagem que estavam vivendo mesmo sem sair do lugar.

Em uma das turmas, tínhamos um aluno PcD. Ele estava com dificuldade de acompanhar a Aventura Maluca, então a minha supervisora criou montagens especiais para ele com um elemento que ele adora. Um ator famoso que o aluno é

muito fã. Ela criou diversas montagens desse ator junto nos cenários, como parceiro de viagem na Aventura Maluca, o que o incentivou muito a participar!

Nas aulas síncronas durante esta atividade, brincávamos de colocar o fundo do Google Meet de acordo com os lugares onde estávamos na aventura, ou o lugar que os alunos escolhiam para determinadas atividades. Isso se tornou uma brincadeira, bastava trocar o fundo das imagens que todo mundo já se sentia imerso em novos ambientes. Eu nem sabia utilizar essa ferramenta, um aluno que me explicou onde era o botão.

“Descobri que é possível trocar o fundo da tela no Google Meet durante uma das aulas, deixei meu fundo um universo de galáxias, considerando que muitos alunos escolheram o tema do espaço. Muitas coisas nas ferramentas virtuais, são eles que nos ensinam, e não o contrário! Permaneci naquele fundo cósmico, em mais uma conexão entre-galáxias.” (Fragmento Diário, 10/06/2021).

Este contexto de aprendizado simultâneo à prática reforça a questão de diferenciação de informação para conhecimento. Quando o aluno ensina ao novo ao professor de maneira mais direta, se torna mais fácil compreender a aula como uma construção de conhecimento mútua, onde cabe ao professor a mediação e impulsão desse conhecimento, e não a descarga de informações. A observação da ambientação dos alunos nas redes foi uma das principais fontes de pesquisa para introduzir novas ferramentas e repertórios. Os alunos estão muito vinculados à internet e conhecem muitos meios que aparentemente eram recreativos, mas que agregam ao planejamento docente quando bem adaptado ao objetivo de aprendizagem.

A incorporação desses recursos requer, no entanto, a desmitificação da ideia de que a tecnologia serve somente para fins recreativos, pelo aluno ou pelo docente. Isso porque essas ferramentas, quando incorporadas à prática pedagógica, aprimoram a didática do professor e potencializam a aprendizagem dos educandos, de maneira remota, adequando-se às demandas desencadeadas pelo novo coronavírus (MELO et al, 2021, p.10-11).

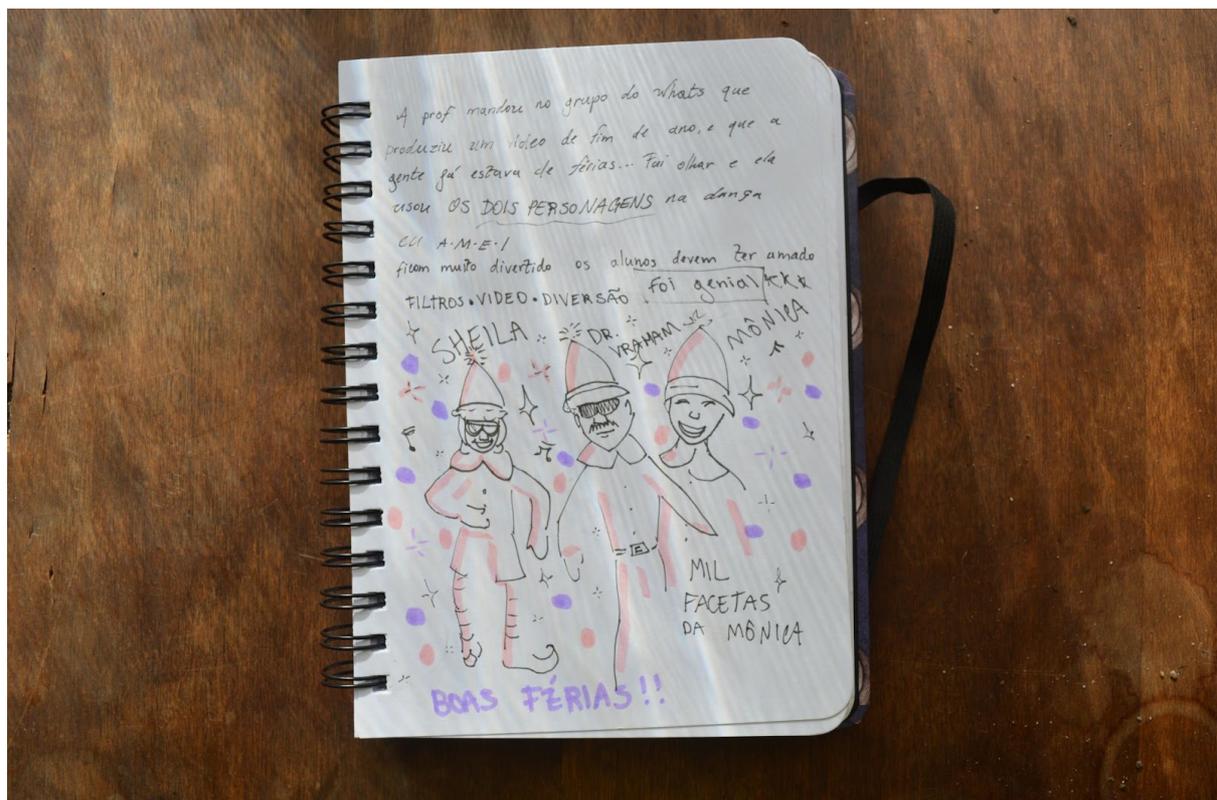
Os próprios aparelhos celulares, vetados nas salas de aula presenciais, acabaram sendo, juntamente dos computadores e tablets, a via de ligação entre nós. Muito associados às distrações e as redes sociais, o celular foi de extrema

importância durante o este período, fornecendo fácil acesso às plataformas online de aprendizagem e demais aplicativos úteis à educação. Portanto, “(...) a pandemia rompeu, abruptamente, essa resistência, impelindo o uso desse dispositivo [celular] no ensino remoto, tanto por parte dos professores quanto dos seus alunos (MELO et al, 2021, p.8-9)”, contribuindo assim, em prover a incorporação do mesmo no campo educacional, a fim de facilitar o acesso à diferentes meios de aprendizagem.

A maioria dos professores usam facilmente o celular ou até mesmo o computador em sua rotina, porém nem todos usam essas ferramentas com fins pedagógicos, pois mesmo compreendendo a sua grande suma importância para o processo de ensino-aprendizagem, muitas escolas ainda resistem ao uso da mesma, não buscando formar e atualizar os docentes sobre a utilização de tais aparatos tecnológicos (ALMEIDA et al, 2020, p.5).

Com os celulares foram realizadas as atividades com maiores retornos do RP. Os alunos eram muito bons criando vídeos. Familiarizados com os aplicativos de vídeos TikTok e Youtube, possuíam bastante prática de edição e desenvoltura com o tema. Dois estagiários do CAP iniciaram um projeto chamado Jornal Matinal, onde assumiram personagens engraçados e criavam conteúdos para um canal fictício no Youtube, apresentando temáticas e desafios para os alunos contribuírem. A professora supervisora Mônica, tinha sua personagem Sheila, uma repórter do Jornal Matinal. O jornal contava com intro de abertura, bordões, e concursos para escolher o nome do canal. Os alunos gravaram entrevistas em vídeo, concursos de talentos e outras inúmeras contribuições com o programa. Os retornos foram tantos, que mesmo após a saída dos estagiários, o projeto continuou na turma, até que eu mesma me tornei uma personagem! Eu era a Dantara Poliglota, uma tradutora do jornal conhecida e formada na “faculdade de línguas para políglotas”, que estudava mais de duzentas línguas diferentes. Minha primeira aparição na personagem aconteceu em uma aula síncrona onde estávamos todos em uma reunião de redação, como em um jornal de verdade. Nesta reunião, Sheila (personagem principal da supervisora), apresentava um vídeo muito curioso enviado como notícia para a equipe do jornal de um homem chamado de Dr. Vraham, outro personagem de Mônica, utilizando um filtro de bigode e um chapéu. O Dr. Vraham falava uma língua desconhecida, que no caso foi criada com fonemas aleatórios e com o som do vídeo desacelerado. Minha função como tradutora convidada do jornal, era traduzir essa fala do vídeo e apresentar a todos qual era a notícia impactante. Eu,

assim como todos na vídeo chamada, estava vestida a caráter. Meu microfone era um pincel de cerdas grossas, utilizava um óculos, colares de pérolas coloridas e um fundo de imagem no Google Meet de uma sala com estantes cheias de livros. Todos os alunos estavam com algum acessório divertido para representar seus personagens, e algum objeto para se passar por microfone. Muitos também mudavam suas imagens de fundo da plataforma, e os fones de ouvido que utilizamos passavam mais veracidade para uma reunião de redação à distância. Parecia que estávamos todos como aqueles repórteres da televisão em campo passando informações ao vivo para o estúdio. Utilizamos a reportagem da notícia do personagem Dr. Vrahram para fazer leitura de imagem utilizando algumas cartas de tarot, que seriam o achado dentro de um tesouro encontrado pelo personagem, esta foi a tradução que minha personagem trouxe para introduzirmos o conteúdo de maneira lúdica e descontraída, utilizando das ferramentas digitais, edição de vídeo, filtros, e personagens na plataforma de conferência para abordar o conteúdo da aula



(fotografia pessoal/acervo pessoal)

Figura 8

de maneira interativa, buscando um contato maior com os alunos e um momento social e divertido na aula síncrona, em meio ao isolamento.

Os personagens Sheila e Dr. Vrahram apareceram inclusive no “Show da Sheila”, vídeo especial de natal com encerramento do ano letivo publicado no Moodle, onde foi utilizado um filtro que colocava o rosto do usuário em personagens dançando uma música natalina!

A tentativa era essa o tempo todo, este exercício de pensar a educação de um ponto de vista diferente, fazendo migrar o raciocínio de planejamentos presenciais “para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem” (MOREIRA, SCHLEMMER, 2020, p. 07). Criar planejamentos de ensino pensando as ferramentas de tecnologia digital como principal via de mediação, desconfigura um pouco o antigo pensar, onde sempre visualizava as escolas com o mínimo de suporte, e pensava sempre nas alternativas de criar sem elas. Nesta situação, torna-se o contrário, e portanto rompe a linha de pensamento não só dos estudantes de licenciatura arriscando seus primeiros planejamentos, como professores experientes.

Educação e Tecnologia caminham juntas, mas unir as duas é uma tarefa que exige preparo do professor dentro e fora da sala de aula. Ao mesmo tempo em que oferece desafios e oportunidades, o ambiente digital pode tornar-se um empecilho para o aprendizado quando mal usado (NEIRA, 2016 p. 04).

Em situação de Estágio Obrigatório, tivemos de pensar o planejar uma aula para este contexto, o que tornou a tarefa mais árdua, considerando que até os professores com vasta experiência se sentiam muitas vezes perdidos. “(...) Isso ocasiona uma verdadeira corrida contra o tempo, pois os mesmos terão que trabalhar o dobro, para buscar recursos, métodos e aparatos, a fim de levar o conhecimento ao seu alunado” (ALMEIDA et al, 2020, p.2). Apesar de possuir familiaridade com as tecnologias digitais, utilizá-las em contexto educacional me trouxe insegurança. Em uma das atividades do Estágio Obrigatório I, fora proposto que fizéssemos uma lista das coisas que achávamos que ainda nos faltava, ou que sentimos dificuldades. Coloquei na lista “Aprender a utilizar as ferramentas digitais para criação de material pedagógico”. Muitas vezes ficava na frente de uma lauda em branco de editores de imagem, pensando na melhor maneira de distribuir as informações, o texto e as imagens. Quando pensava em proposições de aprendizado, ficava confusa entre tantas ferramentas, sendo muitas delas pouco

conhecidas no meu repertório. O que funcionava melhor para determinados objetivos?

Mais adiante no Estágio Obrigatório II, criamos um plano de ensino, pensando o tempo de 10hrs. Considerando o isolamento social e a fim de instigar o que existe para além do lugar físico, ainda que dentro de nós, decidi abordar a temática dos sonhos oníricos. Algo presente no cotidiano dos alunos e que pudesse se relacionar com a expressão das questões envolvendo a quarentena.

No que tange à continuidade das aulas na modalidade online, os professores precisam abordar elementos ligados ao cotidiano dos alunos, discutindo inclusive a situação de pandemia vivida, de maneira a explorar a dimensão educativa, pedagógica e científica, assim como instigar motivações que os mobilizem a aprender em caráter colaborativo (OLIVEIRA, 2020, p.5).

Foi o primeiro planejamento que criei de forma autônoma e considerando o meio de interação digital. Fiquei muito envolvida com o projeto e o fiz considerando o Moodle como plataforma de compartilhamento do mesmo.

“Estou terminando o meu projeto de ensino de 10h do estágio II, e quanto mais escrevo mais eu me inspiro na temática e no sonho de vê-lo concretizado. Escolhi a temática dos sonhos, as poéticas. Escolhi os sonhos por ser justamente algo que me afeta constantemente. Principalmente nos últimos tempos, tenho sonhado muito com as sensações de um mundo sem a COVID-19, tenho sonhado com sensações de liberdade, em lugares e com muitas pessoas queridas, sempre vestida para sair e transbordando intensidades. Viajar entre os sonhos é uma deliciosa fuga para dentro de si. Enquanto escrevia as atividades propostas no plano de ensino, senti vontade de fazer cada uma delas. (...) Nele, quis contemplar não apenas os sonhos mas também os pesadelos e a desconstrução deles. Seria irreal trabalhar o mundo onírico e seus simbolismos e cartografias desconsiderando os pesadelos e seus impactos em nós. Gosto de pensar o trabalho com os sonhos porque além de desenvolver a expressão de algo tão impalpável e lúdico quanto nosso próprio universo interno inconsciente, é uma criação imersa e jogada à casualidades e à dicotomia da realidade. Qualquer coisa pode acabar surgindo disto, é um universo infinito em que a única certeza que temos é que estamos construindo sobre nós mesmos.” (Fragmento Diário, 19/09/2021)

Trabalhei muito nele, busquei referências, citações, filmes relacionados, imagens... Pretendia o aplicar durante o meu estágio que seria com uma turma de oitavo ano. Construí cada etapa visualizando essa turma, mas sem realmente conhecer. Portanto, senti que estava criando um esboço, considerando o fato de que não poderia determiná-lo como finalizado, da maneira que foi estipulado, sem adaptar à turma. Afinal, eu não conhecia nenhum daqueles universos nos quais eu me relacionaria e muito menos o que neles habita.

“Criei o plano sem conhecer uma turma real, e isso me faz pensar que é quase impossível que ele esteja de fato pronto. Visto que, até um plano para uma turma e contexto específico, se permite estar em eterno andamento, dependendo do processo e dos desdobramentos de cada aspecto dele. Só tenho como saber o que funciona ou não quando eu o aplicar, e ainda assim, não funcionará para qualquer um. Acredito que as melhores palavras para resumir os projetos seja adaptar e transformar. Não sei como teria um plano realmente finalizado. Deixarei os meus eternamente em aberto. Gosto da ideia de lecionar justamente por ela vir a partir do constante aprendizado. Apesar de ter terminado o projeto para entregar na disciplina, para mim ele é um esboço, e assim será para cada turma que ele alcançar” (Fragmento Diário, 19/09/2021).

Ainda assim, por mais que eu fosse modelá-lo e fosse procurar meios de incorporar identificação da turma com o tema, eu alimentei expectativas de que ele poderia ser aplicado. O que acabou não acontecendo.

“(...) visualizando a turma de 8º ano e conhecendo o colégio e a metodologia de trabalho, pensei que poderia ter conseguido chegar perto do que seria viável para ela. Agora que acompanhei a turma pelas primeiras vezes e tive um contato real com a realidade dela, percebi que meu projeto teria de sofrer inúmeras alterações, ou seria inviável. Apesar de ter me apaixonado pelo meu próprio projeto, seria ingenuidade achar que ele estava pronto, principalmente pelo fato de ter sido criado para uma turma projetada, que eu ainda não conhecia verdadeiramente. Os projetos precisam se desdobrar e se adaptar ao longo de sua aplicação, quantas vezes forem necessárias. Isto não é ruim, é neste desdobrar que aprendemos mais, que deixamos mais acessíveis às especificidades das turmas, que o expandimos e o

levamos a outros lugares. Lecionar é também, um fazer e refazer de projetos e planejamentos. Quanto mais eu planejo, mais eu percebo que é um mero esboço do que se transformaria em sala de aula. Sem conhecer as turmas, um planejamento é sempre uma rabiscada. Pode acontecer de por sorte, o planejamento anterior ser completamente cabível na turma que eu conhecer, mas a verdade é que é muito pouco provável. Um bom planejamento não é o mais complexo, o bom planejamento tem a cara da turma, a realidade dos alunos.

Não devo desanimar por perceber quantas mudanças teria de fazer para aplicar o projeto que tanto me entusiasmei ao fazer. Talvez essa seja a graça da coisa, viver de transformação.

Às vezes tenho tantas ideias, e na hora de criar algo novo dá um branco. O ideal é eu manter a calma, ao conhecer a turma as relações vão surgindo, e o envolvimento vai alimentando a criatividade” (Fragmento Diário, 25/09/2021).

No final das contas, a professora já tinha um planejamento prévio para aquele período do ano, portanto, criei algo em cima da temática que ela já estava desenvolvendo. Além do fato de o estágio ter acabado se desenrolando em um estágio em grupo, o que é claro, ocasiona em um planejamento também em grupo. Apesar da pequena quebra de expectativa, guardei o planejamento em uma gavetinha interna, esperando ansiosamente para um dia desdobrar esse planejamento de sonhos e mediar o mapeamento dos inconscientes oníricos desses pequenos grandes universos.

A temática que a professora supervisora estava desenvolvendo era a identidade e as narrativas visuais. De forma coletiva, resolvemos trabalhar com a construção de um Zine⁶. Criamos um PDF para postar no Moodle com uma breve história e introdução ao Zine, com algumas referências atuais e tutorial de como criá-lo com dobradura de papel. O PDF, de acordo com o modelo que já estava sendo aplicado pela professora, não podia ultrapassar três laudas. Foi muito difícil compactar o conteúdo, e optamos por resumir-lo mais e colocar bastante texto e imagem. Na parte inicial do Zine, meu colega do grupo de estágio fez a história do Zine como uma história em quadrinhos, com montagens de imagens. Na parte de

⁶ Autopublicação de obra autoral em formato de revista, termo advindo da aglutinação de “Fan Magazine”.

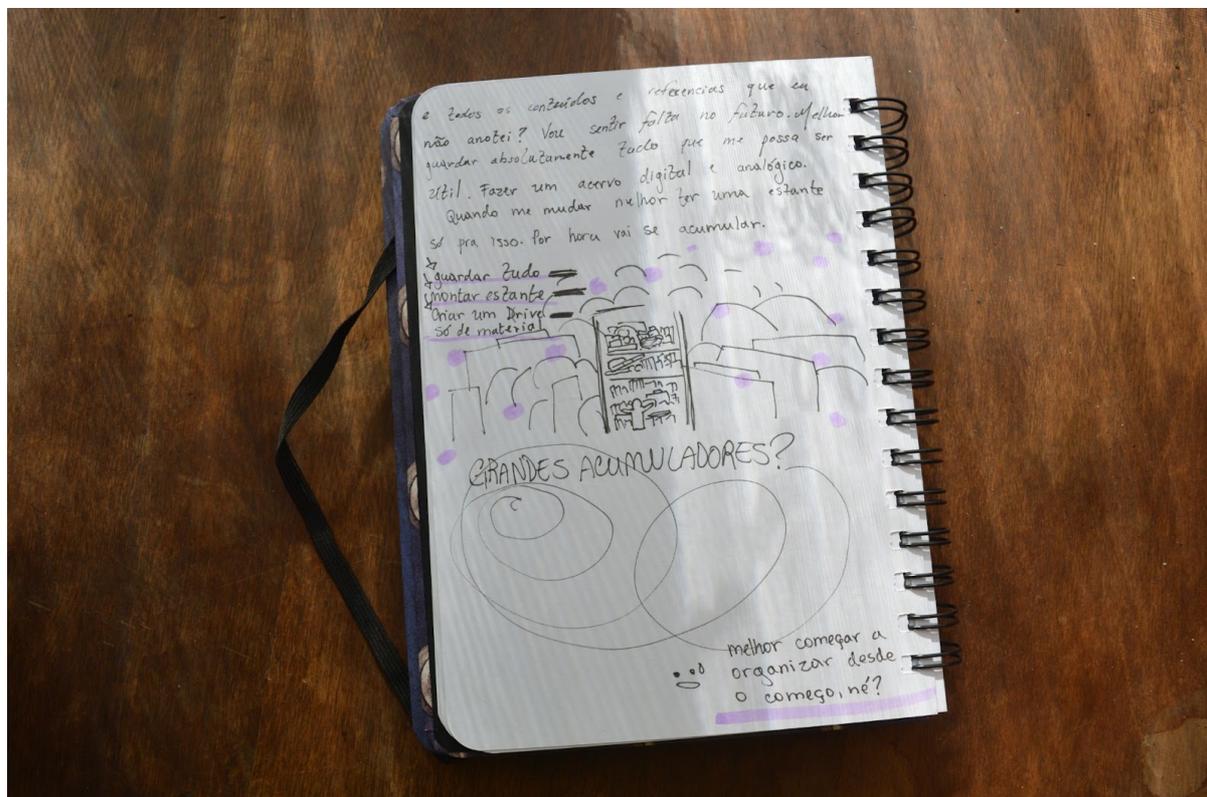
referências eu introduzi Memes⁷ para tornar a leitura divertida e dinâmica. Montar o tutorial de dobradura do Zine apenas com imagens e texto também foi um grande desafio. A construção desse tutorial foi um constante exercício de pensar a interação do aluno com o material e maneiras de melhor comunicar um conteúdo de forma compreensível e dinâmica, utilizando recursos específicos. Publicamos o material no Moodle seguindo o padrão de apresentação e anexos da professora, apenas modifiquei a forma de publicação de retorno dos alunos, para o recurso “fórum”, que permite que os colegas vejam os trabalhos dos outros, considerando a característica de publicação dos Zines. Foi a primeira vez que publiquei algo no Moodle como produtora de conteúdo.

“Fiz minha primeira postagem no Moodleee! Me senti muito professora! Nem sabia que o Moodle tinha tantas possibilidades de recursos! A professora faz atividade individual mas quero pedir pra ela pra fazer fórum pros colegas olharem o trabalho dos outros, acho muito interessante principalmente porque nossa proposta teve a ver com Zine, e Zine foi criação já com a intenção de publicação, nada mais justo que os alunos publiquem entre si para os colegas.” (Fragmento Diário, 14/10/2021)

Preparei uns slides para apresentar na primeira aula síncrona que conduzi juntamente aos outros dois estagiários, como já mencionada anteriormente no capítulo 6, página 47, onde foi comentada acerca do tópico “como começar uma aula”. Durante a montagem dos slides, o processo foi o mesmo: como comunicar o conteúdo? Como distribuir as informações? Quais cores utilizar? Nessa construção, levei em consideração noções de espaçamento visual, psicologia das cores... mas o foco principal era ser atrativo para uma turma de oitavo ano. Acabei construindo a apresentação utilizando referências das próprias Zines e sua história, a fim de imergir no contexto do trabalho. Produzir o material levou muito mais tempo do que eu esperava, produzir os materiais tornou-se a parte mais demorada desse processo de planejamento. O que me fez indagar quanto tempo um professor leva para produzir seus materiais didáticos? Rapidamente recordei-me dos materiais didáticos adquiridos ao longo da graduação, e o quão agregador eles me serão futuramente. Acredito que o melhor conselho para alguém que está iniciando um curso de licenciatura seja: anote e colete tudo que possa ser futuramente utilizado

⁷ Termo utilizado principalmente na internet, para descrever o conceito de um material de mídia que viraliza com teor humorístico.

em planejamentos de ensino. A mais breve experiência de lecionar já nos salienta a importância de manter esse acervo docente. Me questionei inclusive, onde são armazenados os itens analógicos desse acervo? Devo comprar estantes específicas para esse fim? E os digitais? Devo manter uma plataforma de armazenamento de dados online para organizá-los? Como se dá essa organização? Professores se tornam inevitavelmente acumuladores?



(fotografia pessoal/acervo pessoal)

Figura 9

“Penso na importância de estar sempre atento às oportunidades de adquirir materiais, sejam físicos ou digitais, para serem utilizados futuramente em projetos educativos. Ao longo da graduação estivemos em contato com tantos conteúdos, materiais e referenciais, e o quanto sentimos falta de tudo aquilo que não guardamos e anotamos. O professor deve estar sempre em busca de novos conhecimentos, meios e ferramentas. O olhar atento não deve se ater apenas a sala de aula, a vida está cheia de oportunidades de proposição e de pensar, este armazenamento não se limita apenas às ideias, mas também às coisas. Eu devo ter um lugar da casa apenas para estocar materiais? Caderninhos sempre comigo

apenas para rabiscar ideias? O atuar do professor é constante?” (Fragmento Diário, 04/09/2021)

Esse olhar atento àquilo que pode ser incorporado como prática de trabalho, mais comumente associado aos materiais analógicos e as ideias de proposições e temáticas, deve abranger também o pensar tecnologia da maneira que ela se apresenta para nós hoje como sociedade. Ferramentas que estão cada vez mais incorporadas no nosso cotidiano, as mídias que são constantemente veiculadas...

[...] a expectativa que se tem é de que o professor seja capaz não somente de fazer uso da tecnologia como ferramenta de trabalho, mas também de se modificar culturalmente e se apropriar de um pensar e um fazer tecnológicos (MEDEIROS e VENTURA, 2007, p. 14).

Afinal, cada vez mais temos a informação na palma da nossa mão. A maioria dos alunos possuem as informações à seu alcance com uma vasta variedade de mídias de comunicação. Isso apenas enfatiza o papel do professor como mediador no acesso à informação, nos seus desdobramentos, transposições e análises, para a construção dos conhecimentos. Além, é claro, do uso consciente das mesmas, busca por fontes confiáveis, incluindo o senso crítico e de pesquisa para verificação do que é verdadeiro ou falso.

À medida que são constituídas novas ferramentas facilitadoras e estas são integradas na rotina da comunidade, a exigência da incorporação e mediação de seus usos ficará cada vez maior.

Diante disso, tolher esse avanço tecnológico é negligenciar a ferramenta facilitadora que os dispositivos móveis se tornaram ao longo dos anos, o quanto estão presentes na rotina das pessoas e como o seu uso direcionado pode ser produtivo no campo educacional. Essa questão foi reforçada durante a pandemia do novo coronavírus, em que o uso desses dispositivos, pelos educadores, tornou-se uma alternativa para continuar ensinando, ainda que de maneira remota (MELO et al, 2021, p.6).

Essa exigência está vindo e virá por parte dos próprios alunos, à medida que perceberem que suas aulas não estão acompanhando o mundo em que eles estão vivendo.

O mundo que hoje surge constitui ao mesmo tempo um desafio ao mundo da educação, e uma oportunidade. É um desafio, porque o universo de

conhecimentos está sendo revolucionado tão profundamente, que ninguém vai sequer perguntar à educação se ela quer se atualizar. A mudança é hoje uma questão de sobrevivência, e a contestação não virá de “autoridades”, e sim do crescente e insustentável “saco cheio” dos alunos, que diariamente comparam os excelentes filmes e reportagens científicos que surgem nas televisão e nos jornais, com as mofadas apostilas e repetitivas lições da escola (DOWBOR, 2021, p.2).

Essa transformação não depende somente do professor, mas também de medidas sociais que garantam o acesso à todos, da abertura ao tema de toda a comunidade escolar, da preparação adequada propiciada para os profissionais da educação. “Com tantas transformações motivadas pelas novas tecnologias e mídias digitais, (...) é crescente a necessidade de capacitação dos profissionais da educação” (MELO et al, 2021, p.4-5). Apenas utilizar as ferramentas sem pensar seus fins pedagógicos não traz nenhuma inovação, por isto a importância desse preparo e da busca constante por atualização.

Portanto, apesar do catastrófico contexto pelo qual essa abordagem nos foi acatada, esse período marcou nossa interação com o *online* e a educação. Não seremos os mesmos depois disso, e nos cabe agora pensar nas providências sociais que devem ser tomadas, o que podemos incluir nos nossos repertórios e abordagens. Ser professor é estar em constante aprendizado, cada dia uma coisinha nova, cada passo de uma vez.

8 DIA 6 - DAS CÂMERAS ABERTAS E FECHADAS

Ponto de Pauta: O uso da webconferência nas aulas síncronas em ERE e seus reverberantes

As plataformas para webconferência foram utilizadas durante o Ensino Remoto Emergencial para a realização das aulas síncronas, aulas essas com interação simultânea, o mais próximo de um encontro presencial que se podia simular. Foi o recurso que mais marcou esse período de isolamento social dentro do ensino escolar. Afinal, essas ferramentas possibilitaram que os professores e alunos com acesso à internet e dispositivos eletrônicos, pudessem estar presentes em um mesmo lugar dentro de suas telas, dialogando por *chat*, voz e vídeo, ainda que fisicamente distantes.

Na transmissão e projeção de minha imagem, de minha voz, de minhas ideias, me transporto para perto do receptor, não em matéria, mas em essência. Estou lá, mas também estou aqui. E igualmente meu interlocutor, ou interlocutores, também estão aqui comigo e em outros lugares variados (DOTTA et al, 2013, p.4).

Essa solução de fato serviu a seu propósito: permitir que as aulas continuassem acontecendo de forma simultânea. Porém, como transportar tantos alunos acostumados com uma trajetória escolar vivida inteiramente presencialmente, a estes pequenos quadradinhos no computador? Considerando não apenas as condições de presença física e metodologias de ensino, mas também as condições psicológicas desses alunos. A Educação à Distância - EAD já existia em diversas instituições, mas de forma seleta, planejada e para faixa etárias específicas. Estudar por telas de computador durante a faixa etária de escolarização, em isolamento social, foi um recurso emergencial que modificou toda a estrutura escolar sem avisos prévios.

Quando pensamos em educação a distância não pensamos em alunos que sempre frequentaram esta modalidade. Ao contrário lidamos com alunos que durante a maior parte de sua vida escolar, participaram de um processo de educação formal na modalidade presencial. Este aluno sempre viu a educação como um processo síncrono. O professor em carne e osso na sala de aula, os colegas de turma, os diálogos sempre face a face. A mudança do presencial síncrono para o a distância assíncrono pode se apresentar como uma mudança brusca por demais (DOTTA et al, 2013, p.5).

As aulas se seguiram por este formato com aulas síncronas e assíncronas e na medida em que o tempo foi passando, cada vez mais, as aulas síncronas se resumiram ao professor de câmera ligada dando aula para pequenos ícones nas plataformas, sendo eles, às vezes, imagens e, às vezes, apenas a inicial do nome do aluno.

“Início da aula 5 minutos depois do horário, haviam 5 alunos online, nenhum com a câmera ligada. (...) Muitos alunos tinham na foto de perfil, personagens de desenhos animados.” (Fragmento Diário, 23/09/2021)

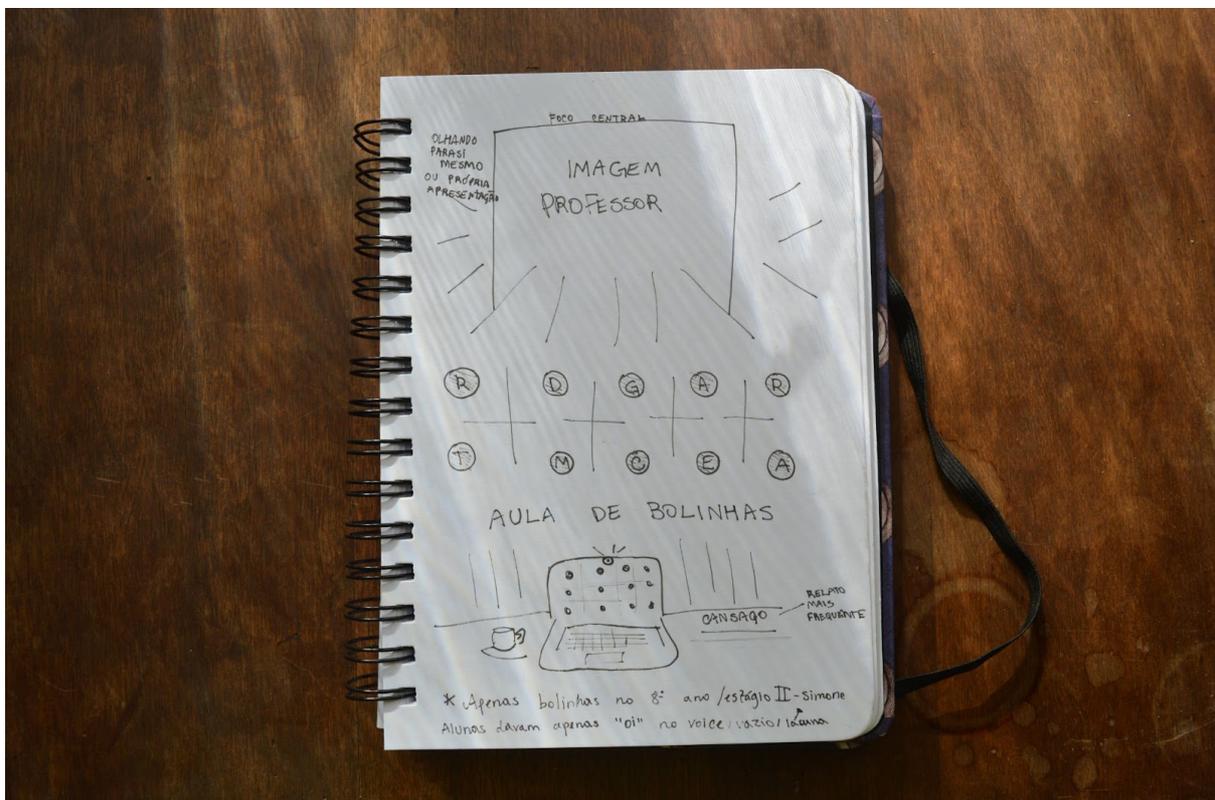
A imagem do professor se tornou o palco central de uma plateia cinza e representada por bolinhas na tela. Pois, “(...) professores encaram, na maior parte do tempo, telas “sem gente” (MÁXIMO, 2021, p.237). Essa narrativa se tornou tão comum, que houveram campanhas na internet incentivando os alunos a ligarem suas câmeras e não deixarem os professores sozinhos.

Afinal, por que estudantes desligam as câmeras? Que situação é essa em que jovens tão afeitos aos selfies, stories, posts e tuítes – geralmente recheados de conteúdos pessoais, do cotidiano e da vida privada – desligam as câmeras evitando a exposição? (MÁXIMO, 2021, p. 239)

Perante essa situação pude presenciar os dois lados da tela, o de aluna e o de docente. Vivenciei o isolamento tanto como aluna quanto conduzindo aulas síncronas nos estágios. Enquanto aluna, muitas vezes liguei a câmera empolgada, querendo me envolver diretamente na aula, ter um contato visual, estimular o este envolvimento. Sendo este, o maior nível de interação com pessoas fora do meu núcleo familiar que teria naquela semana. Assim como também mantive a câmera desligada muitas vezes, em dias que a cabeça mal processava as aulas, em dias que pareciam se misturar uns nos outros, fazendo com que a noção de tempo parecesse uma grande confusão. Muitas vezes, liguei a câmera apenas no momento da fala, ou apenas no começo da aula. Outras vezes, liguei apenas se não houvesse outras pessoas com a câmera ligada, para não deixar o professor sozinho. Assim como a mantive desligada, quando já haviam alunos preenchendo a tela com suas imagens. Assim como na experiência de estágio, também estive a falar para várias bolinhas na tela, ícones com letras e imagens, me perguntando se ainda estava sendo ouvida, em um grande monólogo. Os relatos nas nossas

reuniões tanto de Residência Pedagógica quanto estágio obrigatório, mostravam a mesma realidade: os alunos simplesmente não ligavam as câmeras. Esse mutirão de vazios foi desencadeado por uma grande variedade de fatores. “Por trás de não ligar as câmeras, tem muitos outros elementos” (BOTELHO, 2021, s/p).

“Hoje a professora Simone[supervisora] do estágio estava comentando que os alunos têm vergonha de ligar a câmera, porque muitos tem a casa muito barulhenta e até tem vergonha das suas casas. Que por isso que ela desfoca o fundo da imagem no google meet para a casa dela não aparecer. Comentou que era bom os nossos fundos serem bem neutros, durante a reunião. Pois assim não abria muito espaço para comparações.” (Fragmento Diário, 16/09/2021)



(fotografia pessoal/acervo pessoal)

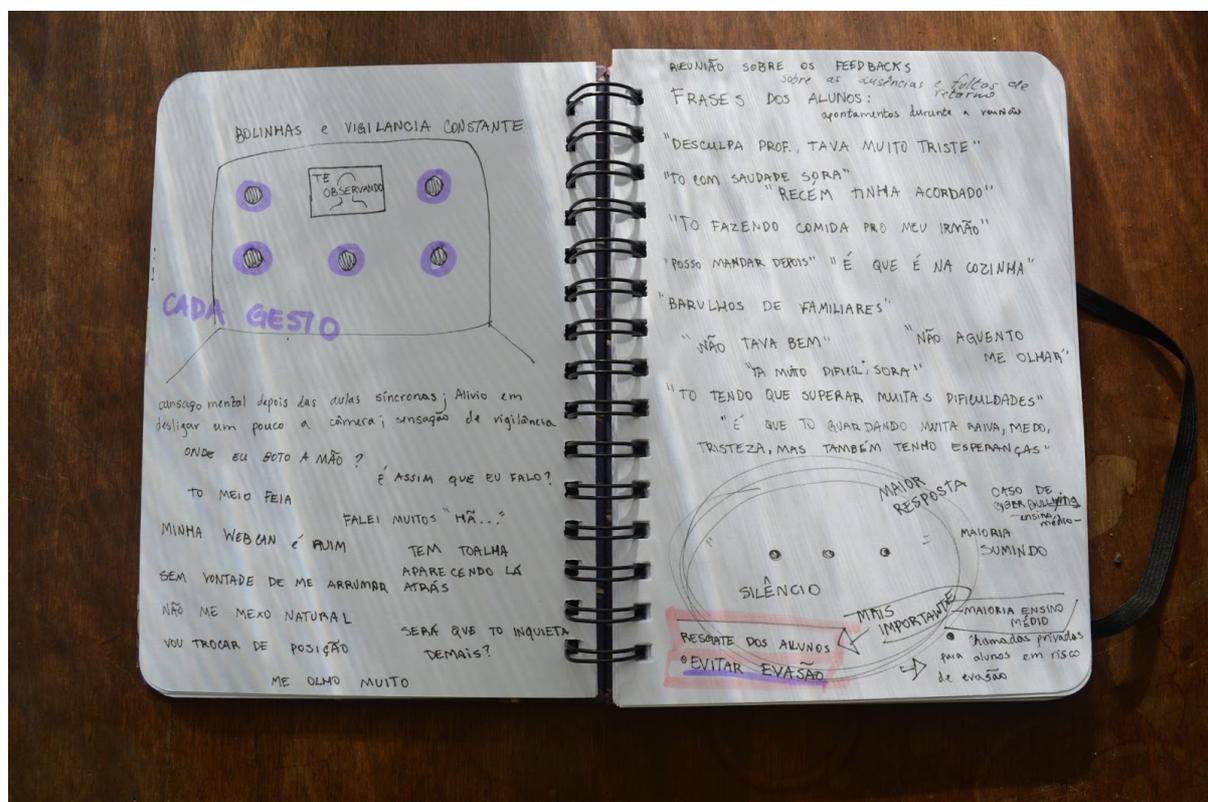
Figura 10

O principal retorno dos estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS para os professores em relação a esta questão, era a saúde mental e vergonha da imagem. Os alunos não se sentiam bem para se apresentar em vídeo, estavam lidando com um emocional fragilizado e vulnerável. A vergonha da imagem vinha

pelas casas onde moram, sua imagem projetada e familiares. Muitos alunos não possuem um cantinho seu para estudar, e assistiam às aulas, às vezes, da mesa da cozinha, em volta da família, com gente fazendo barulho. Assim como o estado da casa, um constrangimento por mostrar em vídeo pedaços da casa que gostariam de esconder. Ligar as câmeras e aparecer em ambiente doméstico quebra uma barreira que a escola mantinha, de ser um lugar seguro onde podemos deixar as coisas de nossa casa, em casa. Sem um ambiente específico para este fim, ligar a câmera, para muitos estudantes, era deixar adentrar naquele seu ambiente íntimo todos os seus colegas e professores. Suas imagens na escola não são um assunto em pauta. Durante uma sala de aula a visão que um aluno tem é de seu arredor. Único meio de vislumbrar suas próprias imagens são: puxando um celular embaixo da mesa para se olhar pela câmera frontal, ter um espelhinho no estojo, ou ir ao banheiro, no caso do banheiro da escola possuir um espelho. Em videoconferência, a imagem está em pauta constantemente. Qualquer movimento e expressão é imediatamente espelhado para nós. Não estamos apenas assistindo a aula, estão constantemente nos assistindo. A soma destes fatores acarretou neste grande vácuo em que os professores se encontraram. Afinal, tornou-se mais cômodo assistir às aulas como telespectador invisível, ou melhor, como uma bolinha flutuante na tela. “Ligar as câmeras, como metáfora do ‘estar junto’ participando das aulas, era uma necessidade para professores, mas não necessariamente dos estudantes” (MÁXIMO, 2021, p.237).

Estes fatores também se aplicam aos professores. Que no geral, não tem a opção que os alunos contemplam, de simplesmente não ligar a câmera. Estão a serviço, tentando conduzir a turma, tentando fazer seus trabalhos. Lidam com essas questões com suas câmeras abertas e rodeados dessas bolinhas, orbitando em volta de sua imagem, entre silêncios, algumas falas, e palavras no *chat*. Sua imagem transmitida a todo instante, se observando falar incansavelmente, perguntar e nem sempre possuir respostas, estar em um diálogo muitas vezes unilateral. E se ver nisso. Se observar a cada gesto, palavra, expressão. O que torna a jornada ainda mais desgastante, um “estado de “hiper-consciencialização” da nossa expressão facial e de como esta poderá estar a ser interpretada pelos pares presentes na videoconferência” (SILVA, 2021, p.13). Este fazer monitorado que nos alerta constantemente cada palavra trocada, cada gesto inseguro... alterando a naturalidade gestual, no momento em que nos sentimos vigiados, e até julgados.

“Na videochamada estamos constantemente olhando para a nossa imagem, e enquanto falamos a gente está se vendo, algo que não acontece presencialmente. Um espelho de nós mesmos propiciando uma atenção maior a nossa imagem perante os outros, juntamente da autocrítica(...) Eu mesma assistindo uma aula gravada, me olhei com estranheza durante uma fala. Não lembro de ter me visto falando em vídeo há muito tempo. Gera uma grande quantidade de questionamentos acerca de como nos apresentamos pro mundo, a maneira como nos expressamos, o que fazemos com as mãos, para onde olhamos, quantos “hã...” fazemos quando estamos concluindo pensamentos... Isto não se aplica somente aos alunos, os professores também estão se expondo” (Fragmento Diário, 16/09/2021).



(fotografia pessoal/acervo pessoal)

Figura 11

É uma experiência completamente diferente de estar à frente de uma turma, onde você se expressa sem se enxergar, sem o retorno constante e milimétrico de cada um de seus movimentos, de toda a sua imagem. É uma experiência onde

lembramos constantemente de como estamos sendo apresentados para o mundo, um auto *feedback* incessante. O olhar recai para uma tela geralmente vazia, onde só se vê a si mesmo. Acarretando em um

(...) aumento da autoavaliação pela visualização da imagem do próprio no ecrã, que o autor equipara a visualizar um “espelho” virado para si próprio durante um longo período de tempo e que pode resultar num estado de maior ansiedade potencializado pelos altos níveis de atenção autofocalizada (SILVA, 2021, p.14).

Onde ao invés de olharmos para as carinhas dos alunos em aula, percebendo neles o que foi entendido ou não, recebendo retornos. “A falta de feedback, tanto visual como oral, por parte dos alunos também foi evidenciado pelos docentes enquanto aspecto potencializador de fadiga” (SILVA, 2021, p.32). Este aumento do autofeedback e diminuição ou anulação do *feedback* dos estudantes foi um grande fator de exaustão e frustração docente. Não só pela dúvida acerca de suas próprias metodologias de trabalho, da dificuldade de andamento das aulas, da sensação de solidão, quanto também pela preocupação pelo estado emocional desses estudantes, considerando já o alerta à evasão escolar que as escolas estão dando. Podemos observar neste breve relato da atuação docente (SILVA, 2021, p.33):

uma aula [presencial] é um teatro, pronto, temos os espectadores, que são os alunos, e temos feedback dos espectadores, e o que eu senti online era um bocado...como uma telenovela... não há feedback, não sei o que é que eles estão a sentir... Mesmo que eu perguntasse “então, então, o que se passa?” não era mesma coisa, e muitos simplesmente se calavam, não diziam nada, porque também já não estavam mesmo nada bem.

A situação se tornou exaustiva para ambos os lados, mesmo para os alunos que não ligavam às câmeras. Enquanto estagiária pude ver os estudantes mandando mensagens para as professoras com seus motivos para não ligarem as câmeras, não conseguiam ligá-las, mas também se sentiam culpados. O desconforto era geral. Curiosamente, nas turmas de 4º e 5º ano, na qual os alunos são muito novos, o porcentual de câmeras ligadas era gigantesco em relação a todas as demais turmas do colégio. Enquanto pude aproveitar algumas dinâmicas até de jogos utilizando a imagem nessas turmas, na Residência Pedagógica, durante o Estágio Obrigatório com oitavo ano, nenhum aluno ligou sua câmera em

nenhuma das aulas. Em reuniões essa diferença foi conversada. Os alunos mais impactados psicologicamente foram os de 6º ano para cima, e conseqüentemente os que mantinham as câmeras desligadas. Portanto, a ferramenta em si é uma grande potencializadora de situações de aprendizagem. Porém, apesar de várias experiências positivas com os pequenos, essa não foi a realidade geral.

Essas questões eram discutidas com delicadeza e por mais que os professores estivessem exaustos, compreendiam os porquês dos alunos. Principalmente por compartilharem dos mesmos porquês. “A solidão de ter que lecionar sem o vídeo existe, mas os professores percebem que o menor dos culpados são os alunos” (ÁVILA, 2021, s/p). Apesar de muitas escolas terem optado pela obrigatoriedade das câmeras ligadas, não foi a realidade das minhas experiências, onde eram facultativas. O trabalho era de abordar essa questão sem pressionar e sempre acolhendo o aluno e suas necessidades.

Mais que impor a obrigação é preciso discutir o seu uso. A câmera aberta dá acesso a uma fronteira da intimidade que ainda não existe, não está construída e isso pode interferir na convivência com os pares e entre professores e alunos (TOGNETTA, 2021, s/p).

Entre câmeras abertas e câmaras fechadas, a educação se virou como pôde, mais uma vez, e em meio a urgência. Sem planejamentos e sem avisos. Como pensar essa experiência para o futuro? O que ficou de nós por entre essas telas vazias, e o que delas ficou em nós?

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discorrer por entre estes fios de pensamento, de ponto em ponto de pauta, tece cada vez mais este grande emaranhado que é a construção do ser docente. Através desse olhar para os registros pude dialogar com eles, trazendo o hábito de escrita como ferramenta para criação de um objeto de análise, onde não só os pontos estão em pauta, mas minhas próprias subjetividades e construção de mim. Aqui há um compilado daquilo que me afetou, daquilo que pensei, como atuei, e como as experiências de vivência em Estágios Obrigatórios e bolsa de Residência Pedagógica em contexto de Ensino Remoto Emergencial passaram por mim. Através do meu olhar, pode-se ter uma breve noção de aspectos que percorreram a educação durante os estágios em Ensino Remoto Emergencial, assim como questões comuns da docência. Em principal, pode inspirar a criação de diários e revelar suas reverberações, que são constelações infinitas, com algumas estrelas aqui já vislumbradas. Através delas poderia se levar ainda mais adiante, neste entrelaçar entre subjetividades e linguagem. A partir deste material, posso continuar pensando e repensando o atuar docente. Gerar poéticas, incorporar questões, voltar em um futuro e desdobrá-las de maneiras diferentes. Este desdobrar aqui teve um encerramento, mas trata-se de um encerramento formal. Pois esse trabalho de conclusão de curso não dá fim a este construir docente, ele dá início. Esse trabalho encerra um ciclo, mas inicia tudo que há por vir. Não é um ponto de chegada, mas sim de partida. A partir dele poderei seguir fazendo mais diários, mais anotações, mais reflexões, seguindo esse grande transmutar de ideias. Aqui falo das tantas questões que surgem durante as primeiras experiências docentes e seus desdobramentos, em meio ao cenário atípico no qual se deu. Fazendo aquilo que não sabemos muito bem o que é, mas que sentimos vontade de continuar fazendo. Portanto, fecho esse trabalho, essa disparada inicial do que ainda tenho por trilhar, com a citação de Jorge Larrosa (2014, p.13) sobre este aquilo que impulsionou este fazer:

Há algo no que fazemos e no que nos acontece, tanto nas artes como na educação, que não sabemos muito bem o que é, mas é algo sobre o que temos vontade de falar, e de continuar falando, algo sobre o que temos vontade de pensar, e de continuar pensando, e algo a partir do que temos vontade de cantar, e de continuar cantando, porque justamente isso é o que faz que a educação seja educação, com que arte seja arte e, certamente, com que a vida esteja viva, ou seja aberta a sua própria abertura.

10 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Evania, et al. Ensino Remoto e Tecnologia: Uma nova postura docente na educação pós-pandemia. (In) **Educação como (re)Existência**: mudanças, conscientização e conhecimentos. Conedu, VII Congresso Nacional de Educação, Out de 2020. Disponível em <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA19_ID4391_02092020001229.pdf>. Acesso em 27 abr 2022.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poética. 1994.

ÁVILA, Letícia. As câmeras desligadas que geram sensação de solidão nos professores. **Campo Grande News**, 2021. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/as-cameras-desligadas-que-geram-sensacao-de-solidao-nos-professores>>. Acesso em: 17 março 2021.

BAPTISTA, Adriana; MARTINS, Vivian. A afetividade na Educação Online: percursos e possibilidades, 2018. (In) **EaD em FOCO**, v.8, n. 1:e 639, doi:<http://dx.doi.org/10.18264/eadf.v8i1.639>. Acesso em: 28 jan. 2022.

BARTEL, Dietrich. *Musica Poetica: Musical-Rhetorical Figures*. In **German Baroque Music Lincoln**. Nebraska: University of Nebraska Press, 1997.

BAUMAN, Zigmund. **Isto não é um diário**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BOTELHO, Thiago. (In) As câmeras desligadas que geram sensação de solidão nos professores. ÁVILA, Letícia. **Campo Grande News**, 2021. Disponível em <<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/as-cameras-desligadas-que-geram-sensacao-de-solidao-nos-professores>> Acesso em: 17 março 2022.

BROWN, Brené. **A coragem de ser imperfeito**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001.

CAMARGO, Iberê. **Gaveta dos guardados**. São Paulo: EDUSP, 1998.

CARDONETTI, Vivien; OLIVEIRA, Marilda. Diário de aula: disparador de problematizações e de possibilidades para pensar a formação de professores de Artes Visuais. In. OLIVEIRA, Marilda; HERNÁNDEZ, Fernando (Org). In **A formação do professor e o ensino das Artes Visuais**. 2 ed. UFSM, 2015.

CARVALHO, Vicente. Em quarentena pelo coronavírus, italianos se unem cantando nas janelas. In **Razões para acreditar**, 2020. Disponível em: <<https://razoesparaacreditar.com/italianos-cantam-janela-coronavirus/>> Acesso em: 02 set. 2021.

CASTAMAN, A. S.; RODRIGUES, R. A. Educação a Distância na crise COVID - 19: Um relato de experiência. (In) **Research, Society and Development**, v. 9, n. 6, e180963699, 2020. Disponível em <https://redib.org/Record/oai_articulo3002642-educa%C3%A7%C3%A3o-a-dist%C3%A2ncia-na-cri-se-covid--19-um-relato-de-experi%C3%A2ncia>. Acesso em 27 abr 2022.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Escrever sobre si: diários íntimos e construção de subjetividades. In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel E. (Orgs.). (In) **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: Ed. Ultra, 2006. pp.119-135.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o Barroco**. (3ª ed). Campinas/SP: Papyrus, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2008.

DEWEY, John. **Vida e educação**. Tradução Anísio Teixeira. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

DOTTA, Silvia. et al. Abordagem dialógica para a condução de aulas síncronas em uma webconferência. (In): **X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância**, 2013, Belém. Anais do X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. Belém: Unirede/UFPA, 2013. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/264457885_ABORDAGEM_DIALOGICA_PARA_A_CONDUCAO_DE_AULAS_SINCRONAS_EM_UMA_WEBCONFERENCIA>. Acesso em 27 abr 2022.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

DUTRA, Jurandir; SITOIE, Carlitos. O Ensino a Distância em Tempos de Pandemia e suas Adequações, Interações, Afetividades e Resultados. (In) **EaD em Foco**, v. 10, n. 3, e1085, 2020. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i3.1085>. Disponível em <<https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1085>>. Acesso 27 abr 2022.

FERREIRA, Débora. **Cine-Geografar a escola: Um currículo Geográfico a partir do Lugar**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/204677/001110324.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 05 mai 2022.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50.ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

HOLLY, M. L. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In A. Nóvoa (Org.). **Vidas de Professores**. (2ª ed). Porto: Editora do Porto, 1995. (pp. 79-110)

IVIC, Ivan. Lev Semionovich Vygotsky (1896 - 1934) (In) **Lev Semionovich Vygotsky**. Ivan Ivic; Edgar Pereira Coelho (org.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LARROSA, Jorge. **Elogio da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. In: Silva, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LOPONTE, Luciana. **Docência Artista**: Arte, estética de si e subjetividades femininas. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

MACHADO, Amanda. **A poesia não voltou do recreio** – Por uma educação com sentidos. Monografia. UFJF, 2017.

MADRILENA, Feitosa. Eu, a Covid, e o outro. (In) FIALHO, Kiára. **Isolamento social**: relatos de mulheres jornalistas. João Pessoa: DigitalPub, 2020.

MARINHO, KLEBER. Família e Escola: Parceria, relacionamento, interação e novas dinâmicas. In **Direcional Escolas**, 2022. Disponível em: <<https://direcionalescolas.com.br/familia-e-escola-parceria-relacionamento-interacao-e-novas-dinamicas/>> Acesso em: 07 fev. 2022.

MARTÍN, José; PORLÁN, R.; (Orgs). **El diario del profesor** – un recurso para la investigación en el aula. Sevilla: Díada, 1997.

MASSEY, D. **Pelo espaço: por uma política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MASSI, Augusto (org.). **Iberê Camargo**. São Paulo: USP, 1998.

MÁXIMO, Maria. No desligar das câmeras: experiências de estudantes de ensino superior com o ensino remoto no contexto da Covid-19. (In) **CIVITAS** - Revista de Ciências Sociais Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Civitas: 235-247, 2021. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/civitas/a/sh4bXpyhyNmPgSH4snCTrKx/>>. Acesso em 27 abr 2022.

MC DEBRETE. In **Facebook**, 2021. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MCDebrete/posts/1006160973250598>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MEDEIROS, Zulmira. VENTURA, Paulo. O educador e a apropriação da cultura tecnológica. (In) **Trabalho & Educação** – vol.16, nº 1. 2007. Disponível em <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8754>>. Acesso em 27 abr 2022.

MELO, Dayane; et al. Leitura e tecnologia: ensino emergencial nos tempos de pandemia. (In) **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.11, p. 101709-101723 nov. 2021. DOI:10.34117/bjdv7n11-001. Disponível em <<https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/38891>>. Acesso em 27 abr 2022.

MONTEIRO, Alice; et al. (2014). A afetividade na relação tutor-aluno: o ensinar e o aprender na educação online. In **XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância** (ESUD). Florianópolis, SC. Disponível em: <<http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/128134.pdf>>. Acesso em 27 abr 2022.

MOREIRA et al. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. (In) **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020. Disponível em <<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/17123>>. Acesso em 27 abr 2022.

MOREIRA, J, SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. (In) **Revista UFG**, v. 20, 2020. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>>. Acesso em 27 abr 2022.

MUSSOI, A. C. A Diversidade do Nada: os problemas do Vazio na Arte. (In): 26º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2017, Campinas - SP. **ANAI DO XXVI ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS: MEMÓRIAS E INVENTAÇÕES**, 2017, p. 3164-3176. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/HTCA/26encontro_MUSSOI_Aniely_Cristina.pdf>. Acesso em 27 abr 2022.

NEIRA, Ana. **Professores aprendem com a tecnologia e inovam suas aulas**. Jornal Estado de São Paulo, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Marilda. Três notas sobre a formação inicial em artes visuais: a perspectiva da cultura visual, o endereçamento e os diários de aula. In: **Instrumento**: revista de estudo e pesquisa em educação. Volume 14 n.2, Julho, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufff.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18773>> Acesso em 10 nov. 2021.

OLIVEIRA, Marilda. Diário de aula como instrumento metodológico da prática educativa. In **Revista Lusófona de Educação**. 2014; (27):111-126. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34932505008>> Acesso em 15 set. 2021.

OLIVEIRA, Raquel. CORRÊA, Igor. MOREÍIS, Andréia. Ensino Remoto Emergencial em tempos de COVID-19: Formação docente e tecnologias digitais. (In) **Rev. Int. de Form.de Professores** (RIFP), Itapetininga, v. 5, e020028, p. 1-18, 2020. Disponível em <<https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/download/179/110>>. Acesso em 27 abr 2022.

PAZ, Thais. **Narrativas de professores de Artes Visuais para pensar os modos de existência na docência**, 2012. Disponível em <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1893/765>>. Acesso em 21 jan. 2021.

PEREIRA, Marcos. **A estética da professoralidade**: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. PUC/SP, 1996.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética?**. 9ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

PUJADAS, J.J. **El método biográfico**: el uso de las historias de vida en ciencias sociales. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1992.

RAMOS, M. O Uso Musical do Silêncio. In **Revista Música**, 1997. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/59980>>. Acesso em: 11 set. 2021.

RASSLAN, Simone. **A escuta, a canção e o silêncio**: matéria da educação. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/201280/001105285.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y>> Acesso em 14 set 2021.

SANTOS, Máxima; SOUZA, Alexsandro. Trilhando os saberes e práticas na escola pública e privada a partir da experiência do ensino remoto emergencial. (In) **Reflexões de desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia** (ORGS.) João Pessoa: Ed. CCTA, 2020. (p.83-95) Disponível em <<http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/educacao/reflexoes-e-desafios-das-novas-praticas-docentes-em-tempos-de-pandemia/reflexoes-e-desafios-das-novas-praticas-docentes-em-tempos-de-pandemia.pdf>> . Acesso em 27 abr 2022.

SARAMAGO, José. **O Conto da Ilha Desconhecida**. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

SIHLER, Anelise; FERREIRA, Sandra. (2011). A afetividade mediada por meio da interação na modalidade a distância como fator preponderante para a diminuição da evasão. (In) **17º Congresso Internacional ABED de Educação a Distância** (17º

CIAED). Manaus, AM. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/116.pdf>. Acesso em: 02 fev 2022.

SILVA, Laertes. **“Zoom Fatigue”**: O impacto do regime de ensino a distância de emergência na saúde dos docentes em teletrabalho. Universidade do Porto, 2021.

SILVERSTEIN, Shel. **A Parte que falta**. 1ªED. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

VILLAVICENCIO, Cesar Marino. A Retórica do silêncio. (In) **Per Musi**, Belo Horizonte, 2011, n. 24, pp. 101-109. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-75992011000200011>. Acesso em 11 set 2021.

VITELLI, Celso. Que relações podemos estabelecer entre arte contemporânea, educação e formação docente? (In) **Arte Versa**, 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/arteversa/como-comecar-uma-aula/> Acesso em: 05 fev 2022.

TOGNETTA, Luciene. (In) Ligar ou não a câmera: as fronteiras da intimidade na pandemia. FRAIDENRAICH, Verônica. **Canguru News**, 2021. Disponível em: <https://cangurunews.com.br/aula-camera-ligada-pandemia/> Acesso em: 17 mar 2021.

ZABALZA, Michel. **Diários de Aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZORDAN, Paola . Dos restos, uma fabulação. In: Paola Zordan. (Org.). **Iniciação à Docência em Artes Visuais**: Guia e Experiências. São Leopoldo: Oikos, 2011, v. 1, p. 129-137.